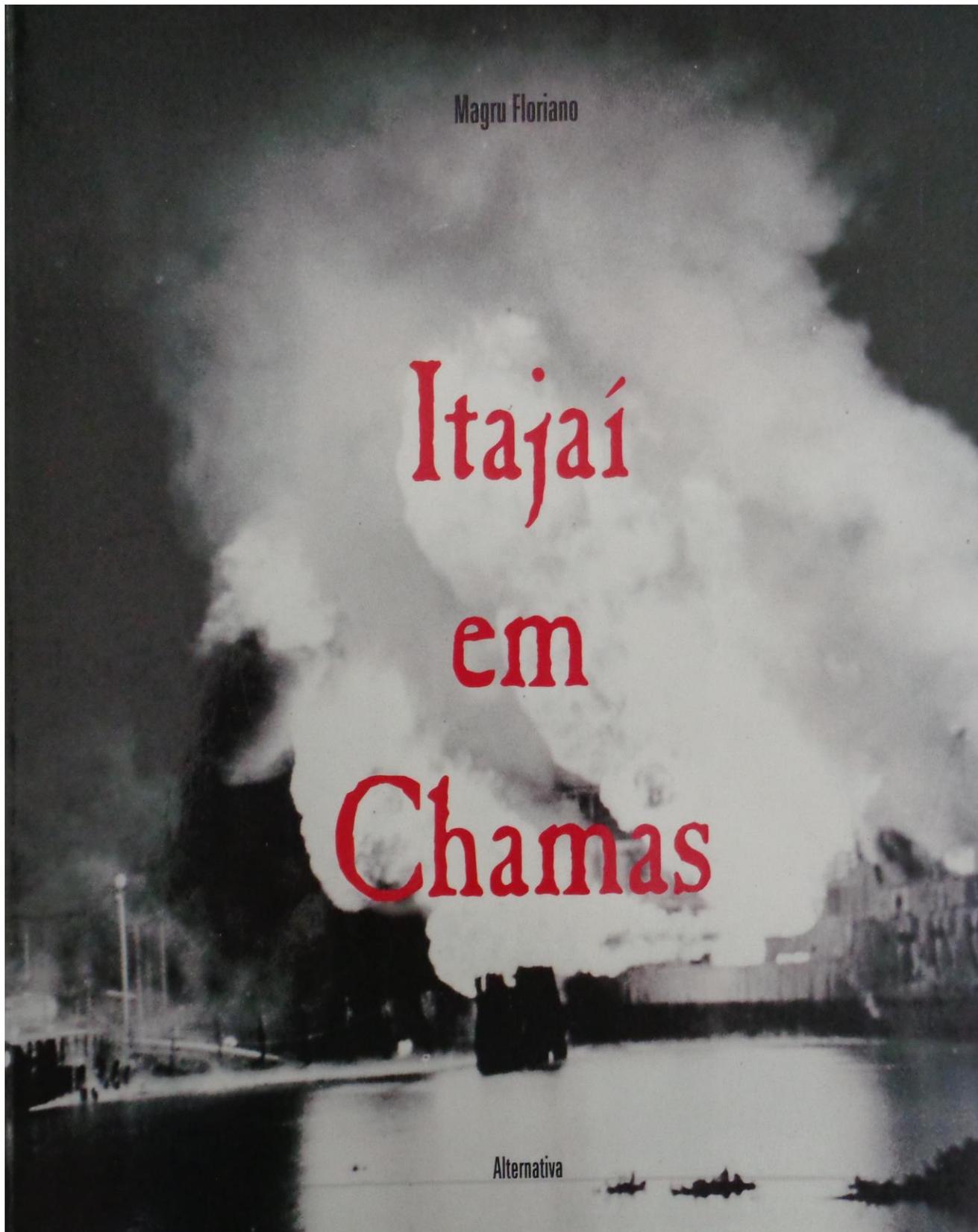


Magru Floriano

Itajaí em Chamas

Alternativa



ITAJAÍ EM CHAMAS

MAGRU FLORIANO

ITAJAÍ EM CHAMAS

**ALTERNATIVA
ITAJAÍ
2002**

FICHA TÉCNICA

Capa

Foto do navio Petrobras Norte pegando fogo, de autoria do fotógrafo profissional Umbelino Cidral, com intervenção artística de Paulo Sérgio Zembruski.

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica

Paulo Sérgio Zembruski

Editoração Eletrônica das Fotos

Ronaldo Silva Júnior/Paulo Sérgio Zembruski

Revisão dos Originais

Bel Mendes

Editora e Gráfica Amaral Ltda

ALTERNATIVA EDITORA
Travessa Waldemar Cordoni, 110
Bairro São João – Itajaí – SC
CEP: 88.304-210
Fone: (47) 248-8736
e-mail: papa-siri@terra.com.br

Agradecimentos

Arquivo Público de Itajaí
Arquivo Histórico de Blumenau
Umbelino Cidral
CITAC - Comissão Itajaiense de Avaliação de Projetos Culturais da PMI
Graciliano Rodrigues
Bel Mendes

Agradecimento Especial

BRASFRIGO S/A na pessoa de seu diretor ODILON FEHLAUER

INTRODUÇÃO

A presente obra surgiu de uma necessidade. Ou seja, vinha recebendo sistematicamente telefonemas e correspondências de professores e estudantes que solicitavam informações mais detalhadas sobre o incêndio do navio Petrobras Norte e também sobre o currículo de Odílio Garcia, meu tio, que faleceu neste lastimável acidente. Estas pessoas alegavam que encontravam sérias dificuldades para juntar qualquer tipo de material que viesse a consolidar um trabalho escolar.

Depois de procurar, em diversas bibliotecas e instituições públicas de Itajaí e Santa Catarina, fotografias e até relatórios oficiais sobre o trágico acidente do dia dois de fevereiro de 1965, e chegando à conclusão de que nada havia sido coletado sobre este assunto, resolvi iniciar uma pesquisa, no intuito de auxiliar professores e estudantes a resgatar um momento extremamente importante da história de nossa cidade.

Iniciei a busca pelos álbuns guardados por meus familiares. A primeira conversa que mantive foi com a tia Dilma (Dilma Garcia), que prontamente me disponibilizou algumas fotos de Odílio Garcia. Depois consegui documentos pessoais de Odílio junto ao seu irmão, José Ramos Garcia (Zé Ramos). Com tio Zé consegui um pequeno bilhete, onde Odílio Garcia se despede de meu pai (Sebastião Floriano dos Santos, que na época estava no Rio de Janeiro a serviço da Companhia Lloyd Brasileiro, e mantinha contatos quase diários com Odílio).

Fiquei extremamente satisfeito com a coleta de material fotográfico e dados pessoais de Odílio Garcia. Mas, uma outra parte da pesquisa ainda continuava intacta. Junto à família, não consegui uma fotografia sequer do incêndio do navio. Contudo, ao dar uma entrevista no programa de Graciliano Rodrigues, na Rádio Clube, muitas pessoas passaram a me telefonar, sendo que algumas delas, além de se disporem a dar depoimentos sobre o acidente, ainda se prontificavam a ceder fotos do incêndio e até relatórios oficiais que estavam esquecidos em gavetas.

A primeira pessoa que ligou foi Lori de Oliveira, telefonista da Prefeitura de Itajaí e viúva do funcionário da Liquigás, Heitor de Oliveira. Visitei Lori em sua casa e fui surpreendido com o que vi: um álbum completo das trinta fotos tiradas pelo fotógrafo Umbelino Cidral (Beline) que compõem todos os relatórios oficiais sobre o acidente. Foram estas fotos de Beline que saíram estampadas em muitos jornais e revistas de circulação estadual e nacional. O filho de Beline, Edson Cidral, também se interessou pela minha pesquisa e entregou cópia da reportagem que foi veiculada na revista O Cruzeiro.

Depois recebi fotos de Lauro Raphael Dutra, que mantinha sobre sua guarda um acervo fotográfico de seu pai, o empresário Raphael Domingos Dutra. Ali encontrei uma raridade: uma foto colorida do incêndio, provavelmente de autoria do fotógrafo Vicente Brigoni, na época proprietário da loja Foto Mara. Neusa Seara também me entregou duas fotos do sinistro, guardadas por seu marido, Olavo Murilo Seara.

Outro passo importante nesta coleta foi dado quando os amigos Sirlene de Sena Silva e Ciro Silva conseguiram contato com Roberto Jacques, que do Rio de Janeiro enviou mais fotografias de todo o sinistro. Mais importante ainda foi o fato de que, junto, vieram muitos dados técnicos sobre o navio e seu estado após o acidente.

A terceira e última fase da pesquisa foi a coleta dos depoimentos. No início tive a valorosa colaboração de dois alunos do curso de Jornalismo da Univali, Bianca Aline Rossi e Cláudio Kantowicz. Eles foram a campo buscar depoimentos de pessoas que participaram diretamente do episódio pesquisado. Depois consegui uma cópia do trabalho da jornalista Tayana Cardoso de Oliveira, que havia concluído seu curso de Jornalismo na UFSC, apresentando uma grande reportagem sobre o trabalho que os radialistas de Itajaí promoveram durante o incêndio do Petrobras Norte. Também me servi do trabalho dos alunos do Colégio Antônio Ramos, de Cordeiros, que obtiveram alguns depoimentos com funcionários da Heliogás e Liquigás.

Concluindo a pesquisa, visitei diversos arquivos públicos, especialmente os das cidades de Itajaí, Blumenau, Florianópolis e Balneário Camboriú. Utilizei reportagens de diversos jornais, inclusive Jornal dos Bairros, Momento Exato, A Nação, Tribuna Itajaiense, Diário da Cidade, Jornal do Povo, O Globo. O vereador Pedro Geraldi me entregou uma verdadeira preciosidade: um livreto contendo literatura de cordel, sem capa e sem título, assinado na última estrofe, em formato de acróstico, por um tal de Fábio.

Enfim, foram cinco anos de pesquisa, cujo resultado agora passo às mãos dos estudantes e professores de Itajaí, na intenção de poder ajudá-los a entender um pouquinho melhor o que aconteceu naquele final de tarde do dia dois de fevereiro do ano de 1965.

Magru Floriano
Itajaí, julho de 2002.

SUMÁRIO

I – O INCÊNDIO

II - DEPOIMENTOS

Adolfo Manoel de Freitas
Álvaro Castro
Aristiliano Ladislau de Mello
Dilma Garcia
Edison d'Ávila
Érica da Silva Amaral
Ildebrando Ferreira
Irene Maria dos Santos
Ivonete Kobarg
José Adolário
José Eliomar da Silva
José Orsi
José Ramos Garcia
Julita Garcia dos Santos
Leocácia Pisetta
Leonel de Souza
Maria Rosa Heleno Schulte
Noemi dos Santos Cruz
Paulo Maes
Sérgio Granati
Umbelino Cidral
Valdir Coelho
Walmor Ramos

III – IMPRENSA

A Nação
Sílvio Kurtz
O Cruzeiro

IV – LITERATURA

Herói Simples – Neli Barreto Dutra
O Incêndio do Navio – Fábio
Um Herói Anônimo – Emerson Ghislandi

V – ODÍLIO GARCIA

V – CONCLUSÃO

I – O INCÊNDIO

Por volta das 21 horas, não só os moradores de Cordeiros haviam abandonado os seus lares. Os habitantes da Barra do Rio, São João, São Vicente, Rio Pequeno e até Vila Operária, à mais de 5 quilômetros de distância, abandonaram tudo e dirigiam-se para a Estrada de Brusque e Camboriú. Mais de 10 mil pessoas, inclusive mulheres e crianças, deixaram os seus lares numa pavorosa debandada fugindo do calor das chamas que já era sentido à grande distância. (A NAÇÃO, 4/02/65, pág.07)

O navio Petrobras Norte entrou na barra do rio Itajaí-açu no dia dois de fevereiro de 1965 e no mesmo instante em que aportou no Terminal Marítimo da Heliogás, localizado no bairro de Cordeiros, iniciou os preparativos para a descarga de cerca de 400 toneladas de gás liquefeito de petróleo.

Apesar de estar atracado em terminal privativo da empresa Heliogás, também abastecia a companhia distribuidora Liquigás. Enquanto a Heliogás possuía seis tanques com capacidade para cerca de 60 toneladas de gás cada, a Liquigás tinha apenas três tanques de idêntica capacidade de armazenamento. A Liquigás recebeu primeiro o carregamento. Encerrado o fornecimento para esta empresa, imediatamente foi iniciado o abastecimento dos tanques da Heliogás. O incêndio ocorreu quando faltavam cerca de cinco a dez minutos para o encerramento de toda a operação.

Na época, dois procedimentos de segurança eram rigidamente seguidos: só ficavam a bordo os tripulantes que estavam a serviço e o navio ficava atracado o tempo estritamente necessário para a operação de descarga do gás. Portanto, o Petrobras Norte entrou no Porto de Itajaí no dia dois de fevereiro e tinha saída prevista para aquele mesmo dia. Daí o motivo pelo qual apenas dez tripulantes estavam a bordo ou nas dependências das distribuidoras de gás no momento do acidente. Também fica justificada a ansiedade de Odílio Garcia em ver terminada a descarga do navio para, no curto prazo de tempo entre o final dos trabalhos de descarga e os procedimentos para a saída do navio (que dependia da tábua da maré), poder ver seus familiares que residiam no bairro Vila Operária. Para ganhar tempo, chegou a deixar encomendada a corrida de táxi. Queria fazer uma surpresa a todos.

O navio Petrobras Norte foi construído na Alemanha em 1955, empregava uma tripulação de 26 homens e era comandado por Agnaldo Braga. Estava incorporado à Fronape – Frota Nacional de Petroleiros, empresa vinculada à Petrobras. Em Itajaí, os navios da Fronape eram agenciados pela Companhia Comércio e Indústria Malburg, mas logo após o sinistro (dia 27 de fevereiro) a empresa comunicou à praça que transferiu o agenciamento dos seus navios à Navegação Antônio Ramos S/A.

O Petrobras Norte tinha uma rota que incluía os portos de Salvador, Rio de Janeiro, Itajaí e Porto Alegre. Sua base operacional estava localizada no Porto do Rio de Janeiro. Em Porto Alegre, descarregava em média 800 toneladas de gás. E foi neste porto que Odílio Garcia embarcou no navio entre os dias 16 e 20 de janeiro de 1965, em substituição ao bombeador que ficara seriamente enfermo.

Causa do incêndio

Uma das grandes incógnitas contidas no rol dos acontecimentos de dois de fevereiro diz respeito às causas do incêndio do Petrobras Norte. Até a Marinha de Guerra do Brasil, que tinha instaurado inquérito para apurar as causas, acabou arquivando todo o processo, sem ter em mãos uma conclusão, conforme afirma a jornalista Tayana Cardoso de Oliveira:

[...] o Tribunal Marítimo arquivou o processo número 5.469, que buscava as causas do incêndio no petroleiro. Não havia provas suficientes para responsabilizar alguém: “os incêndios, segundo a maioria dos autores, destroem as provas que conduziriam a conclusões inapeláveis.”

Muitas pessoas acreditam que a causa inicial do incêndio tenha sido a queda, dentro do navio, da parte incandescente de fogo de artifício lançado pelo passageiro de uma embarcação que acompanhava a procissão marítima em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes. Esta versão ganha força justamente porque o incêndio ocorre quase que imediatamente após o barco que ia à frente, conduzindo a imagem da santa padroeira, passar pelo terminal no seu trajeto de retorno ao centro de Navegantes.

Contudo, a versão mais lembrada nos depoimentos é aquela que aponta como causa principal do acidente o rompimento da mangueira por onde era transferido o gás do navio para os terminais da Liquigás e Heliogás. Confirmar esta versão, contudo, é aceitar o fato de que houve falha humana, uma vez que o rompimento do conduto se deu porque, ao baixar a maré, o cabo que mantinha o navio próximo ao terminal afrouxou, possibilitando que a embarcação se afastasse do cais e esticasse em demasia a mangueira que, não suportando a pressão, arrebentou.

Com o rompimento da mangueira, o incêndio pode ter iniciado de duas maneiras: a primeira possibilidade é a de que um funcionário da Heliogás ou da Liquigás, assustado com o barulho da mangueira serpenteando e batendo com força contra o costado do navio, tenha acionado um interruptor de luz para iluminar o pátio e o cais, produzindo uma faísca elétrica. Esta versão fica um pouco prejudicada porque, seria normal supor que este funcionário tenha sido envolvido pelas chamas. Por outro lado, o bombeiro da Liquigás, João da Rocha, foi internado em hospital da cidade de Blumenau, dele não se tendo mais notícias através da imprensa ou nos relatos oficiais. A segunda hipótese, e a mais provável, é que o próprio duto rompido, ao serpentear com a pressão do gás e ao bater no costado do navio, tenha produzido uma faísca que deu origem ao fogo.

Falhas operacionais, fadiga e manutenção inadequada do material também são algumas das causas possíveis do incêndio. Contudo, consideramos como mais factível a versão que dá conta de que o duto, ao serpentear e bater no casco do navio, tenha produzido uma faísca e iniciado o incêndio. Esta versão é facilmente aceita levando em conta, principalmente, o fato de que a mangueira continha metal em parte de seu revestimento.

A data

Outra polêmica formada no calor das discussões sobre o incêndio do Petrobras Norte diz respeito à data em que o acidente aconteceu. O radialista Aristiliano de Mello não concorda que o incêndio tenha ocorrido no dia dois de fevereiro. Segundo alega, o vigário de Navegantes, padre Gilberto Luis Gonzaga, havia transferido, desde o ano de 1962, os festejos para o domingo anterior à data dedicada à santa padroeira. Sendo assim, o incêndio teria ocorrido no dia 31 de janeiro, domingo, dia em que supostamente também foi promovida a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes.

Como Aristiliano, a maioria das pessoas lembra do episódio como se fosse em um domingo. Contudo, o jornal A Nação traz na sua edição do dia dois de fevereiro, terça-feira, na página oito, uma matéria com o título: FESTA DE NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES, onde afirma que:

Dia 2 de Fevereiro é dia de Nossa Senhora de Navegantes, devendo realizar-se nos municípios de Navegantes e Itajaí uma das maiores festas religiosas que atrai milhares de romeiros de quase todos os recantos de nosso Estado.

Por decisão das Câmaras Municipais de Itajaí e Navegantes, com sanções dos prefeitos dos mesmos municípios, a data tornou-se FERIADO MUNICIPAL, sendo portanto proibido o trabalho.

Outra evidência de que realmente o incêndio ocorreu em uma terça-feira podemos encontrar no depoimento que o comandante da guarnição dos bombeiros de Blumenau concedeu ao jornal A Nação e que foi publicado na edição do dia seis de fevereiro:

Foi dado por encerrado o caso do incêndio do PETROBRAS NORTE a tragédia de maiores apreensões, já vividas pela população itajaiense.

Falando à reportagem, o Sub-Tenente Antonio Cabral, comandante da Guarnição de Blumenau esclareceu que os seus soldados estão exaustos, pois desde terça-feira, que não descansam convenientemente, dando combate intransigente às chamas que lavraram à bordo do navio tanque.

O próprio jornal A Nação circulou normalmente na quarta-feira, dia três de fevereiro, na cidade de Blumenau, enquanto que em Itajaí não houve a tradicional “edição de Itajaí”. Então podemos concluir que realmente o dia dois de fevereiro caiu em uma terça-feira, e que ficou mantido o tradicional feriado dedicado à padroeira Nossa Senhora dos Navegantes, ocorrendo neste dia a procissão marítima e também o fatídico incêndio do navio Petrobras Norte.

Horário

Entre as muitas contradições encontradas nos depoimentos obtidos junto à população está a questão do horário em que provavelmente ocorreu o incêndio. Enquanto Sérgio Granati garante que o incêndio iniciou ainda durante a tarde “no máximo quatro horas”, Adolfo Manoel de Freitas garante que foi “por volta das 18 horas, ou talvez um pouco antes”. José Orsi, por sua vez, lembra que a equipe da Celesc foi acionada por telefone no horário próximo às 20 horas, enquanto Marinho Lopes Stringari, que estava na Barra do Rio próximo à Promenac e ouviu a primeira explosão, considera o horário após as 16h30min o mais provável, garantindo que não devia passar das 18 horas. O jornal A Nação publicou o horário das 19h30min, enquanto a Assessoria de Relações Públicas da Petrobras comunicou oficialmente que o incêndio iniciou às 20 horas.

Algumas testemunhas lembram que a explosão só ocorreu depois da passagem de retorno da procissão em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes. E segundo publicação no jornal A Nação do dia 31 de janeiro, o programa da festa previa uma procissão fluvial e terrestre no dia dois de fevereiro, com início previsto para as 17h30min.

Considerando o tempo do cortejo por terra (que era pequeno), mais o embarque da imagem e das pessoas, e o tempo que os barcos gastaram no trajeto entre o centro de Navegantes e a região de Cordeiros, podemos considerar inferir que o incêndio aconteceu entre 18 e 19 horas. Porém, muitas pessoas, principalmente as que estavam mais ao sul, só começaram a perceber o que estava sucedendo ao cair da noite, porque foi possível visualizar um grande clarão no céu.

Mortos e feridos

Embora todos associem o incêndio do Petrobras Norte apenas à morte de Odílio Garcia, infelizmente mais pessoas perderam suas vidas naquele dia fatídico. Segundo consta nas notas oficiais publicadas nos jornais pelo Corpo de Bombeiros e pela Petrobras, ao todo cinco pessoas perderam a vida no incêndio.

Apesar de os jornais e as instituições oficiais do Estado divulgarem listas com nomes diferentes e até trocados, como é o caso de Jonas Tenório Cavalcante, que aparece em algumas listas como João Tenório Cavalcante, com certeza cinco tripulantes do Petrobras Norte morreram em decorrência do sinistro. São eles: Odílio Garcia (bombeador), Jonas Tenório Cavalcante (marinheiro), João de Melo (contra-mestre), Sebastião Wanderley Cordeiro (terceiro-maquinista) e Antonio Alves de Oliveira (chefe de cozinha).

Odílio Garcia faleceu nas dependências do Hospital Marieta Konder Bornhausen, enquanto que o chefe de cozinha do Petrobras Norte, Antonio Alves de Oliveira, (que foi internado em Itajaí, mas posteriormente foi transferido para o Rio de Janeiro para continuar o tratamento de saúde) faleceu meses depois no Estado da Guanabara, tendo como causa imediata os ferimentos sofridos durante o incêndio, uma vez que inalou muito gás e teve o funcionamento de seus pulmões completamente comprometido. Jonas Tenório Cavalcante, João de Melo e Sebastião Wanderley Cordeiro, morreram no local do sinistro. Pelo menos dois deles tiveram seus corpos recolhidos das águas do Itajaí-açu.

Por outro lado, foram internados no Hospital Marieta Konder Bornhausen, com ferimentos que não apresentavam risco de vida, os tripulantes Edson Florêncio dos Santos (imediato), José Moraes (marinheiro) e José Justino de Oliveira (cabofoguista), além de Adolfo Manoel de Freitas (funcionário da Heliogás). Já o bombeiro da Liquigás, João da Rocha, foi internado em um hospital na cidade de Blumenau.

II – DEPOIMENTOS

ADOLFO MANOEL DE FREITAS

Era um dia comum de trabalho, onde eu fazia o controle da descarga de gás do navio para o terminal em terra. Tudo corria bem até que, de repente, houve um grande estrondo e uma língua de fogo cruzou o céu.

A explosão foi tão forte que algumas vidraças quebraram, fato que por si só provocou uma correria geral na redondeza.

Percebendo o perigo, corri até os tanques para fechar imediatamente as válvulas de entrada e saída do gás. Subi nos tanques para fazer uma inspeção. Em uma destas subidas nos tanques, escorreguei e sofri uma violenta queda, torcendo meu pé. Mesmo assim, fui até as bombas que puxavam água do rio Itajaí-açu para resfriar os tanques, e consegui ligá-las.

Esse procedimento era necessário porque o calor do incêndio poderia ativar um dispositivo de segurança que cada tanque tinha. A partir de certa temperatura, as válvulas de segurança abririam automaticamente, liberando mais gás no ambiente.

Mancando muito forte, fui até a minha casa, que ficava quase defronte ao terminal, a fim de trocar de roupa e ver se estava tudo bem com a minha família. Ao entrar em casa, percebi que todos haviam fugido, se embrenhando no mato, abandonando a casa aberta, com uma panela e uma chaleira com água fervendo no fogão, que quase incendiou a casa.

Depois voltei ao local de trabalho, sendo conduzido ao Hospital Marieta, onde fiquei internado por três dias.

(Síntese de depoimento concedido ao jornalista Cláudio Kantowicz em 2001)

ÁLVARO CASTRO

Era o dia de Nossa Senhora dos Navegantes e do meu aniversário. Nós éramos ainda adolescentes, eu havia completado quinze anos, e com a curiosidade natural da idade, fomos, eu e um amigo, em direção ao bairro de Cordeiros.

De longe já podíamos ver o clarão e a fumaça no céu. Enquanto nos dirigíamos ao local do sinistro, encontrávamos muitas pessoas correndo, apavoradas. As mais afoitas e medrosas tinham trouxas de roupas nas mãos, animais domésticos, crianças. As mais calmas somente se afastavam por precaução, pensavam que pudesse acontecer o pior: explodir toda a cidade.

Até certo ponto tinham razão, pois os terminais de combustíveis estavam próximos e o fogo realmente poderia se estender a toda a cidade. De qualquer forma eu não pensava assim. Imaginava que fosse alguma coisa localizada e por isso fui até a ponte de Cordeiros e fiquei assistindo ao desastre.

(Síntese de depoimento concedido à jornalista Bianca Aline Rossi em 2001)

ARISTILIANO LADISLAU DE MELLO

Para mim o incêndio ocorreu no dia 31 de janeiro de 1965 e não no dia dois de fevereiro como dizem. Eu ia tocar uma “soirée” em Balneário Camboriú e, quando cheguei na rua Blumenau para pegar o ônibus para ir até a rodoviária, eu ouvi uma gritaceira e voltei para casa. Estava tudo interditado. Não tinha mais ônibus circulando devido ao engarrafamento. Foi um desespero total, com gente correndo e gritando. Teve um vizinho meu, o seu Antônio, que colocou a gaiola com o seu passarinho de estimação no bagageiro da bicicleta e sumiu.

A minha mãe estava vindo de trem de Rio do Sul e, ao chegar na estação de Gaspar, ela viu o clarão da explosão do navio.

Naquela mesma noite, escutei na Rádio Nacional o Repórter Esso, com Heron Domingues, dizendo que Itajaí estava em estado de calamidade pública devido a uma catástrofe. A Rádio Nereu Ramos, de Blumenau, veio a Itajaí fazer a cobertura da tragédia com o Nelson Rosenbrock ou o Rodolfo Sestren (fiquei um pouco em dúvida). Na Rádio Clube, um dos locutores que mais atuou na cobertura do incêndio foi Marinho Lopes Stringari.

(Depoimento concedido em 2002)

DILMA GARCIA

Odílio morreu às nove horas da manhã do dia três de fevereiro, quando eu estava sozinha cuidando dele no quarto do Hospital Marieta Konder Bornhausen.

Naquela noite que ficamos cuidando dele, os médicos nos orientaram para que não falássemos coisas negativas, porque ele estava consciente e provavelmente estaria ouvindo tudo. Seu estado era crítico, praticamente só as solas dos pés não foram afetadas pelas chamas. Até por dentro ele tinha problemas, porque inalou muito gás.

Quando deu entrada no hospital, ele chegou a conversar e ensaiou contar uma piada (um dos seus passatempos favoritos). O triste é saber que faltava cinco minutos para ele terminar o seu trabalho. Já tinha combinado com um taxista a corrida até a casa de nossos pais na Rua Alberto Werner, na Vila Operária.

(Depoimento concedido em janeiro de 2000)

EDISON D' ÁVILA

Eu tinha cerca de 17 anos quando aconteceu o incêndio do navio. Morávamos na Vila (na Rua José Eugênio Muller, próximo ao Lito Seara) e, no final da tarde do feriado consagrado a Nossa Senhora dos Navegantes, fomos surpreendidos por um imenso clarão no céu da cidade (eu não me lembro de ter ouvido estrondo). Logo em seguida, nos inteiramos um pouco mais sobre o episódio através das rádios. Elas colocaram no ar sucessivos “plantões extraordinários” e abriram cada vez mais espaço em suas programações para os comentários dos locutores que visitavam o local da tragédia e traziam as informações. Assim ficamos sabendo que se tratava de um incêndio, de grandes proporções, em um navio carregado de gás. Os locutores alertavam a população para a possibilidade de o navio de gás explodir, levando pelos ares os terminais de derivados de petróleo localizados na região de Cordeiros, colocando toda a cidade em enorme perigo.

O comentário na vizinhança era de que toda a cidade seria arrasada e o petróleo incandescente escorreria pelas ruas da cidade. Diante da hipótese de ocorrer uma verdadeira catástrofe, muitas pessoas abandonaram as regiões Norte e Centro da cidade, procurando a estrada de Brusque ou a região da Fazenda, bem como os municípios vizinhos de Balneário Camboriú e Vila de Camboriú.

O meu pai fez contato com meus tios, e eles decidiram que nós devíamos fugir para Balneário Camboriú. Para a casa de um amigo da família. Só que não tínhamos como fugir. Fomos a pé, correndo ou em passos apressados, da Vila Operária até a rodoviária, que ficava no centro da cidade (no atual Centro de Abastecimento Prefeito Paulo Bauer). Levávamos apenas algumas sacolas de roupa e alguns valores que tínhamos em casa.

Ao chegar no local, pudemos constatar que a rodoviária já estava apinhada de gente querendo passagem para Camboriú e adjacências.

Os ônibus saíram cheios, mas meu pai conseguiu as passagens e fomos para Balneário Camboriú. Dormimos em Balneário e de lá acompanhamos o noticiário pelo rádio, oportunidade em que ficamos sabendo que a cidade havia sido salva pela ação de um marinheiro que tinha fechado a mangueira e, nesta operação heróica, tinha comprometido a sua própria sobrevivência, estando internado em estado grave no Hospital Marieta.

(Depoimento concedido em 2002)

ÉRICA DA SILVA AMARAL

Naquela ocasião eu estava grávida de oito meses e tinha um filho de apenas três anos (Miro do Zebrão). Morava na Rua Max, no bairro São João. A família estava jantando, quando escutamos um grande estrondo. No início pensamos ser um transformador, mas, quando saímos para a rua vimos o clarão para o lado de Cordeiros.

Imediatamente ligamos o rádio que, em edição extraordinária (com Sílvio Kurtz), orientava as famílias a deixarem suas casas, porque a qualquer momento a cidade de Itajaí poderia ir pelos ares.

Saímos na corrida (eu, grávida de oito meses; minha mãe de 67 anos e Paulo, meu marido, segurando o Miro no colo) e só paramos próximo ao morro do sanatório Santa Beatriz, na estrada de Cabeçudas, onde morava uma amiga que nos deu abrigo até o dia seguinte.

O céu estava tomado por um clarão que dava desespero.

(Depoimento concedido em outubro de 2001)

ILDEBRANDO FERREIRA

Na época, eu era o primeiro motorista da guarnição do Corpo de Bombeiros de Itajaí. O povo pode ter esquecido, mas é bom lembrar do dia dois de fevereiro do ano de 1965, quando atendemos a um dos maiores incêndios ocorrido em Itajaí, que aconteceu na descarga do navio na Liquigás em Cordeiros.

O incêndio durou vários dias. Moradores do local abandonaram suas casas com medo de que ocorressem novas explosões. Mas, graças ao saudoso jovem Odílio Garcia (que com muita coragem, deu sua vida, fechando os registros da passagem do gás para a empresa que recebia o carregamento), muitas vidas foram salvas.

(Síntese extraída de um volante de campanha política de 1997)

IRENE MARIA DOS SANTOS MORETTO

Estávamos brincando de bola no cercado da casa, devia ser por volta das seis e meia da tarde, quando passou um rapaz de bicicleta do São João para a rua Blumenau, gritando que estava pegando fogo em Itajaí. Nós olhamos e vimos o clarão, todo mundo se afastou e ninguém sabia onde era o incêndio. Aí chegaram em nossa casa as tias Dilma e Lídia, junto com um amigo, para chamar a mãe, porque a vó queria todo mundo em sua casa na Vila Operária.

Enquanto socorríamos um casal de idosos que residiam na frente de nossa casa, na Rua Max (seu José e dona Marcofa), colocando-o em um táxi com destino a Camboriú, para se abrigar na casa de uma filha, ocorreu a segunda explosão. Não foi tanto volume de calor, mas a terra tremeu forte até no São João.

Nós fomos para a casa da vó pelas ruas Felipe Reiser e Coloninha. Por volta das nove horas da noite, chegou a notícia de que o tio estava no hospital. Enquanto alguns adultos cuidavam da vó Zulmira e das crianças, eu e a tia Dilma fomos para o Marieta para revezar nos cuidados do tio Odílio.

Por volta de uma hora da manhã, vi o comandante do navio preocupado com a situação, porque o pessoal estava voltando para casa e ele entendia que os tanques que alimentavam as quatro caldeiras do navio (que foram abastecidos em Porto Alegre e, portanto, estavam cheios) podiam não agüentar o calor e o navio poderia explodir. Ele achava que as conseqüências dessa explosão podiam ser trágicas.

Fiquei no Hospital Marieta, ao lado do tio Odílio, até as seis horas da manhã. Na verdade, ele não se manifestava, só tinha a respiração bastante forçada, ficando completamente quieto. Na época, eu tinha apenas 15 anos e, devido ao cansaço e à emoção, durante o enterro do tio eu cheguei a desmaiar. Algumas pessoas chegaram a pensar que eu era a esposa do tio Odílio.

(Depoimento concedido em 2002)

IVONETE KOBARG

Estava com minha mãe e irmãos na casa da madrinha Mariche (família Veiga), que morava na Rua José Pereira Liberato, no bairro São João, próximo ao atual restaurante Zero Grau.

Quando vimos o clarão e a fumaça corremos até o final da rua, na Promenac, para ver o que estava acontecendo. Meu irmão Ivo Kobarg era funcionário da Shell e foi convocado para ficar de plantão. O pessoal da segurança não deixou ninguém passar da ponte de Cordeiros e aí nossa família voltou para casa na Avenida Joca Brandão, no Centro.

Vi bem de perto uma explosão e o pessoal de Cordeiros fugindo, gritando, com pavor. Itajaí enegreceu de tanta fumaça. O que o povo mais fazia era rezar em voz alta pelo meio da rua, enquanto carregava o que podia, tentando abrigo na região de Cabeçadas e Morro da Cruz.

A idéia era de que Itajaí ia se acabar em fogo naquele dia. Foi a coisa mais feia que vi em Itajaí até hoje. A cidade entrou em pânico e não foram poucos os casos de crianças que se perderam dos seus pais durante a confusão.

(Depoimento concedido em dezembro de 2001)

JOSÉ ADOLÁRIO

Na hora fiquei parado, olhando aquele fogo. Todos que estavam trabalhando ficaram pasmados, inclusive eu. Mas, a única coisa que tínhamos a fazer era socorrer os que estavam feridos e chamar os bombeiros.

O que veio em minha cabeça foi tirar logo a minha família de dentro de casa (pois a casa estava localizada muito próxima da Liquigás) e mandá-la para Itapema. Depois que eles saíram, eu voltei correndo para o local do sinistro e até encontrei um colega machucado. Chamei a ambulância para socorrê-lo e depois voltei novamente para ajudar a equipe de trabalho de combate ao fogo.

(Trecho de depoimento concedido aos alunos das oitavas séries
da Escola Básica Antônio Ramos).

JOSÉ ELIOMAR DA SILVA (TIMBUCA)

Eu vi o incêndio do navio bem de perto, porque cheguei a passar pela frente da Liquigas duas vezes enquanto acontecia a tragédia. Justamente no momento que o navio começou a pegar fogo, eu estava indo em direção à Fábrica de Cimento, em companhia de uma enfermeira do Hospital Marieta Konder Bornhausen, para atender a esposa do gerente da empresa. Quando passamos pelo local do sinistro, o trânsito ainda estava liberado e acho que nem os bombeiros sabiam o que estava acontecendo. Talvez por isso mesmo não dei muita importância para o fato, achei uma coisa banal e segui em direção à Fábrica de Cimento. Naquele momento não pensei em tragédia.

Na volta da Fábrica de Cimento, já encontrei uma grande dificuldade para transitar em direção ao Centro da cidade. Mas, acabei passando novamente pela frente da Liquigás porque argumentei com os policiais que era médico e estava trabalhando. Eu já estava em casa quando recebi um chamado urgente do hospital para atender um queimado, era o Odílio Garcia.

Cheguei a atender Odílio Garcia nas dependências do Hospital Marieta Konder. Ele tinha queimaduras de segundo grau em cerca de noventa e cinco por cento do seu corpo. A parte mais prejudicada era a região do tórax. Ele morreu de insuficiência renal como causa imediata das queimaduras. Só escaparam intactos os pés e a genitalha. Não havia a menor possibilidade de sobrevivência.

(Síntese dos depoimentos concedidos em julho de 1999 e julho de 2002)

JOSÉ ORSI

Estava de plantão na Celesc junto com o Heitor Manoel Ricardo, quando o telefone tocou (por volta das oito horas da noite). Era uma pessoa desesperada, que pedia a nossa presença com urgência no terminal marítimo de gás, pois um incêndio de proporções gigantescas fugia do controle e corria o risco de piorar por causa da rede elétrica.

No caminho, deparamos com uma multidão de curiosos que se amontoava na ponte de Cordeiros.

Chegando no local, mal conseguia acreditar na terrível cena que presenciava. As labaredas subiam aos céus a uma altura de um prédio de cinco andares no mínimo. Localizamos rapidamente o poste que fazia a ligação da tensão à empresa, subimos na escada, cortamos os fios de energia elétrica e saímos do local o mais rápido possível. O poste ficava a cerca de oitenta metros do fogo e o calor era insuportável.

Se explodisse um daqueles tanques todo mundo iria morrer. Por isso não escondo que senti muito medo nos dez minutos em que estive próximo ao Petrobras Norte.

(Síntese de depoimento concedido a Cláudio Kantowicz em 2001)

JOSÉ RAMOS GARCIA

Falei com o comandante do navio em duas oportunidades. Ele estava hospedado no Hotel Malburg (hoje Hotel Caiçaras) e me falou que o problema todo começou pelos cabos de atracação do navio. Naquela época, os navios eram amarrados com cordas feitas de sisal, mas o Petrobras Norte estava utilizando novas cordas feitas de nylon, uma novidade tecnológica para a época.

Acontece que o nylon cedeu um pouco com o calor e a maré baixa afastou o navio do trapiche. Com esse movimento do navio, os mangotes (mangueiras que ligavam os tanques do navio aos tanques em terra e por onde passava o gás) também cederam, e com a pressão uma junção rompeu. O gás vazou com muita pressão e depois ocorreu a explosão, seguida do incêndio.

Odílio estava fora do navio, no trapiche, cuidando da descarga, já que a sua função era de bombeiro (bombeador). Só tinha quatro tripulantes dentro do navio, o restante estava de folga. Segundo uma testemunha me contou, Odílio tentou segurar o mangote que estava serpenteando e espalhando o gás. Na explosão, pegou fogo em seu corpo e mesmo assim ele entrou no navio e tentou fechar as válvulas de bombeamento.

Depois, com o corpo ainda em chamas, tentou sair do navio pelas amarras, mas sem forças e com as mãos queimadas, caiu nas águas do Itajaí-açu, de onde foi retirado logo em seguida por diversas pessoas que estavam no local.

A família não sabia que ele estava em Itajaí, pois ele estava de licença de saúde no Rio de Janeiro (onde tinha apartamento) e o seu navio fazia sempre a rota do Norte do Brasil e não a rota do Sul. Ele foi chamado às pressas pela Fronape para substituir um tripulante que ficou gravemente enfermo. Veio de avião do Rio de Janeiro até Porto Alegre, onde iniciou o seu trabalho no Petrobras Norte.

A família foi avisada quando ele já estava no hospital. O enfermeiro Antônio Corrêa, casado com uma sobrinha de Sebastião Floriano dos Santos, cunhado de Odílio Garcia, foi o primeiro a ligar o nome de Odílio à família itajaiense.

(Síntese dos depoimentos concedidos ao longo do ano 2000)

JULITA GARCIA DOS SANTOS

Eu cheguei a conversar com o comandante do navio durante a madrugada do dia dois. O que mais me impressionou foi sua preocupação com a segurança da população. Ainda no hospital, ele me disse em tom grave:

- “O povo de Itajaí já está voltando para casa, mas não sabe do perigo que corre”.

Depois me explicou que apesar das chamas do navio terem baixado consideravelmente durante a madrugada, ainda havia a possibilidade de um dos tanques de óleo diesel marítimo (para consumo do motor do navio) explodir. O comandante explicou que o óleo diesel poderia descer o rio, até a foz, ateando fogo até no centro da cidade, no porto, nas madeiras...

Para piorar a situação, tinha um outro navio da Petrobras descarregando combustível pesado (querosene, diesel e gasolina) no terminal da Shell, a poucos metros do terminal sinistrado.

Por volta da meia noite, deu um desespero na tripulação, e todos abandonaram as dependências do Hotel Malburg e vieram a pé até o Hospital Marieta, onde passaram a noite, no quarto próximo às dependências onde Odílio e mais dois marinheiros feridos estavam recebendo tratamento médico. O comandante e a tripulação do navio não dormiram naquela noite, estavam simplesmente desolados.

Quando falei com o doutor Eliomar (Timbuca), ele não deixou eu entrar na sala de emergência para tentar saber se realmente era meu irmão (Odílio Garcia) que estava ali. Mas o Zé (José Ramos Garcia) insistiu um pouco mais e acabou conseguindo entrar, reconhecendo Odílio Garcia pelo dedo do pé. Depois, o enfermeiro Antônio Corrêa, que primeiro atendeu Odílio Garcia, confirmou que, ao dar entrada no hospital, ele ainda conseguiu se identificar e pedir para chamar a família.

(depoimentos concedidos ao longo de 2000)

LEOCÁDIA PISETTA

Era por volta das seis horas da tarde, eu e minha irmã vínhamos da festa de Nossa Senhora de Navegantes, quando vimos o céu vermelho e comentamos uma para a outra:

- Que lindo está o céu! Será uma graça ou o pôr-do-sol mudou um pouco de lugar?

Quando o clarão aumentou, tomando todo o céu, chegamos em casa e ligamos o rádio. Nesse momento, ficamos sabendo do incêndio no navio. O radialista era o seu Milton Ribeiro da Luz, que assustava a população dizendo:

- “Saíam de suas casas, fujam! O perigo atinge metade da cidade de Itajaí”.

O pessoal, desesperado, saía pela estrada, deixando a casa aberta, correndo, um atropelando o outro, e ninguém dava carona. Parecia uma guerra. Era uma coisa de louco. O calor era demais. Teve quem fugisse para Brusque e Camboriú.

Eu tinha quinze anos e minha mãe tinha acolhido em nossa casa, no dia anterior, uma senhora que deu à luz um casal de gêmeos. (Minha mãe era parteira e sempre recolhia e tratava de gestantes que moravam longe). No desespero, minha mãe e aquela senhora saíram a pé do bairro São João até a Fazenda, para encontrar abrigo na casa de minha irmã que já era casada.

(Trecho de carta recebida em 2001)

LEONEL DE SOUZA (LÉO DA PREFEITURA)

Estava voltando do campinho de futebol que ficava perto da minha casa quando ouvi vários gritos e um tremendo corre-corre. A rádio acabava de noticiar o incêndio do navio e o pessoal entrou em desespero.

Minha mãe largou a fornada de pão que estava fazendo e se preocupou, porque nossa família não tinha onde buscar abrigo. Acontece que tinha um ônibus parado há semanas na frente da casa do vizinho, que para nosso azar estava viajando. Arranjamos um motorista, empurramos o veículo até ele pegar e colocamos todo mundo dentro dele. Era gente com cachorro, gato e vários animais de estimação.

Para poupar a vida dos outros animais maiores, soltamos pela rua as vacas e os cavalos, e fomos para a Vila de Camboriú, onde passamos a noite. A choradeira era interminável, parecia que o mundo iria se acabar. As notícias eram de que Itajaí ficaria em cinzas, aumentando a tristeza da família.

Lembro também que no desespero da fuga as casas ficaram todas abertas, abandonadas mesmo. Uma semana foi pouco para colocar a vida de volta no lugar.

(Depoimento por escrito recebido em 2001)

MARIA ROSA HELENO SCHULTE

Eu morava na Joca Brandão, na esquina da Sete de Setembro onde hoje tem o posto da Texaco. Morava em Itajaí há apenas três anos, estava grávida de três meses. Naquele final de tarde, eu estava na janela da sala, virada para a Avenida Joca Brandão, quando comecei a perceber uma movimentação mais intensa nas duas avenidas: passava gente correndo, gente de carroça, bicicleta, e até um senhor carregando alguns pertences pessoais em um carrinho de mão. Aí eu perguntei o que estava ocorrendo e eles perguntaram se eu também não ia subir o Morro da Cruz. Um senhor me contou que as pessoas estavam correndo porque pegou fogo em um navio. Foi aí que tivemos a idéia de nos reunir na casa da vizinha, Emília Bonanoni, para rezar o terço para livrar a cidade da catástrofe.

Depois de dois dias, eu fui me apresentar na escola isolada de Cordeiros (começamos as reuniões para preparar o início do semestre letivo) e as crianças contavam suas histórias e da família. Muitos fugiram a pé para Toca da Onça (São Roque) e Espinheiros. Teve um menino que contou que a mãe foi no galinheiro e pensou em primeiro lugar em garantir a comida da família. Outro contou que o pai, na pressa de fugir, ficou esfolado em uma cerca de arame, machucando o peito. No outro dia, ao retornarem às suas casas, muitas pessoas passavam pelo pasto de Cordeiros para procurar sapato, roupa e coisas que caíram na corrida por dentro do mato e do vassourão.

Correram todos, pobres e ricos, do bairro e do centro.

(Depoimento concedido em março de 2002)

NOEMI DOS SANTOS CRUZ

Naquele final de tarde estava voltando de Porto Belo para Itajaí. Próximo à região da Praia Brava percebi que algo anormal estava ocorrendo, porque um grande número de pessoas, inclusive pedestres e ciclistas, se dirigiam a Balneário Camboriú.

Quando cheguei no topo do Morro Cortado, vi um grande clarão sobre a cidade e exclamei:

- “Meu Deus, Itajaí está pegando fogo!”

(Depoimento concedido em novembro de 2001)

PAULO MAES

Eu e meus amigos estávamos no Cine Luz, quando saímos do cinema e escutamos as pessoas dizendo que havia ocorrido uma explosão. Nós pegamos o ônibus às 20h30min, descemos na Rua Blumenau e começamos a encontrar muitas pessoas vindo em sentido contrário, carregando seus pertences.

Ao entrar em casa, vi todos muito apreensivos, e meus pais queriam reunir a família, a fim de deixarem o local. Mas, no final, meu pai decidiu ficar ali no bairro São João mesmo. Então, escapei pelos fundos da casa e fui em direção a Cordeiros para ver o que de fato estava acontecendo. Quanto mais me aproximava, mais pessoas eu encontrava dizendo para eu voltar.

Fui até a ponte velha, ela tinha uma grande elevação e de cima dela consegui ver realmente o que estava acontecendo. Ali, também pude observar o trabalho dos radialistas que assustavam as pessoas, dizendo que tudo iria explodir. Estimulavam as pessoas para que corressem.

Um radialista em especial me chamou a atenção por ser folclórico, gostava de fazer sensacionalismo. Ele gritava no microfone com pavor e emoção, fazendo quem estava escutando a rádio se sentir cada vez mais próximo do fim. Era o Manuel Vieira, o Vieirinha, locutor esportivo da Rádio Difusora, que narrava o fato como se fosse uma partida de futebol.

O calor era muito intenso e no local tinha vários tanques de combustíveis e vários cilindros de gás. Eu me lembro das grandes labaredas que se formavam e que aos poucos foram sendo apagadas pelos bombeiros de toda a região.

(Síntese do depoimento concedido à jornalista Bianca Aline Rossi em 2001)

SÉRGIO GRANATI

Naquele dia eu tinha almoçado no navio com os oficiais e meu pai (Álvaro Granati – gerente da Heliogás). Desembarcamos por volta das duas e meia da tarde e no máximo às quatro horas aconteceu o acidente.

Passou a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes subindo e depois descendo o rio Itajaí-açu e logo em seguida, cerca de uns dez minutos após o padre benzer o navio, começou o fogo. Nós estávamos no trapiche caminhando em direção ao escritório da empresa.

O navio foi mal amarrado e na maré vazante os cabos afrouxaram muito. Como ninguém percebeu o problema, o navio se afastou um pouco do trapiche, possibilitando que o mangote de aço, revestido de borracha, esticasse e depois arrebentasse. Neste momento, vimos uma nuvem de gás, como se tivesse baixado um nevoeiro. Numa fração de dez segundos, todo mundo correu e os marinheiros pularam na água.

Depois ocorreu uma explosão violenta que jogou todos ao chão. Em seguida, refeitos do susto, Álvaro Granati e Adolfo Manoel de Freitas subiram nos tanques da Heliogás, fecharam o sistema de entrada do gás e depois acionaram o sistema interno de combate a incêndio, com bombas que jogavam água sobre os tanques para resfriá-los.

Meu pai deixou-nos no bar em frente à Heliogás. Tudo estava abandonado (residências e casas comerciais). Parecia uma cidade deserta. Seus proprietários saíram às pressas e sequer tiveram tempo de desligar o rádio, o ventilador e as luzes.

Quando voltei ao Hotel Malburg (na Rua Lauro Muller), onde estava hospedado, ainda via o clarão para o lado de Cordeiros.

Os bombeiros chegaram depois de trinta minutos, com um Jeep e uma moto-bomba que retirava água do rio, para ajudar a resfriar os tanques. Eu falei com um bombeiro que estava na praia de Balneário Camboriú e ao saber do incêndio veio correndo até Cordeiros, em trajes de banho, para ajudar no combate ao fogo.

Já de madrugada, puxaram o cabo de proa, deslocando o navio uns cinquenta metros rio acima, afastando-o um pouco mais do terminal. Durante esta operação, o cabo principal que prendia o navio se rompeu, e um bombeiro subiu no navio, vestido com roupa especial de amianto, para lançar a âncora, mantendo o navio próximo ao cais, uma vez que corria risco de ser levado com a correnteza.

Quando o cabo principal arrebentou, todos previram uma tragédia. Mas no final, o navio foi seguro e o incêndio controlado.

(Depoimento concedido em setembro de 2001)

UMBELINO CIDRAL (BELINE)

Na ocasião eu estava morando provisoriamente no Hotel Vitória, na Rua Brusque. No dia anterior ao incêndio, tinha comprado do Seu Rubens Heusi, proprietário da Ótica Heusi, uma máquina YASHICA MAT 6 X 6 PROFISSIONAL. O incêndio do navio foi a primeira reportagem que fiz com esta máquina, que por sinal comprei fiado do Seu Rubens.

Eu comecei a fotografar no início da noite e só parei o trabalho quando o sol já estava aparecendo. Tirei trinta e seis fotografias, das quais selecionei trinta para entregar para o gerente da empresa, seu Álvaro Granati. Estas fotos também foram adquiridas por inúmeras empresas, até mesmo multinacionais que tinham interesse em estudar o caso do Petrobras Norte. As fotografias foram publicadas em quase todos os jornais e revistas, até mesmo em nível nacional, como foi o caso da revista O Cruzeiro.

Ganhei muito dinheiro. Muito mesmo. Comprei casa, comprei carro, porque algumas empresas compravam até dez coleções cada. Foram dois grandes acidentes que eu fotografei e as pessoas reconheceram o meu trabalho, o outro foi o navio de madeira que afundou na Barra.

Quando eu estava me dirigindo para o local do incêndio encontrei muita dificuldade, porque a quantidade de pessoas transitando pela Rua Blumenau era muito grande. Todas corriam ou andavam apressadas. Muitas tentavam me convencer de que o melhor era voltar. Diziam: “Tas louco! Isso tudo vai explodir!”.

Cheguei a ficar dentro dos terrenos da Liquigás e Heliogás, portanto, estive bem próximo de tudo. O que mais me assustava eram as explosões, sempre acompanhadas de uma língua de fogo que podia chegar aos trinta metros de altura ou mais. Fica difícil falar exatamente como foi, porque naquele momento a tensão era muito intensa.

Dois dias depois, entrei no navio Petrobras Norte, em companhia do seu Granati, para fotografar todos os seus compartimentos. O navio ainda estava um pouco quente e ainda tinha gás e combustível estocado, mas o pessoal da segurança garantiu que não havia qualquer perigo e que a situação estava totalmente sob controle.

(Depoimento concedido em 17 de julho de 2002)

VALDIR COELHO

Eu trabalhava domingo sim, domingo não. Naquele dia, havia uma chuva miúda e roncava trovoadas. A gente não tinha terminado a descarga do navio quando o mangote arrebentou. Ninguém sabe como isso aconteceu, mas eu digo que o navio se afastou um pouco da margem e forçou o mangote. A pressão do gás fez o tubo ficar saracoteando, batendo no casco do navio, e qualquer faísca pode ter iniciado o fogo. Daí veio a primeira explosão. As chamas e o calor eram tão fortes que ninguém conseguia fechar a saída do gás. Era preciso atravessar uma parede de fogo para chegar ao registro principal do petroleiro [...]

O Odílio morreu na mesma noite. Ele evitou que fosse tudo pelos ares naquela hora, mas o fogo não apagou [...]. O Corpo de Bombeiros de Itajaí havia chamado as guarnições de Florianópolis, Blumenau e Joinville para combater o incêndio. Quanto mais água se lançava no fogo, mais as chamas levantavam. As explosões continuavam ... Como não havia o que fazer pelo navio, decidimos utilizar a água para esfriar nossos tanques, que já estavam superaquecidos. Eu fui até em casa – morava em Cordeiros, como a maioria dos funcionários das empresas de combustível -, e minha família já estava se preparando para fugir. Ajudei a por umas coisas no caminhão e voltei para a empresa. O calor era insuportável, ninguém sabia por quanto tempo ainda dava para evitar a explosão dos reservatórios [...]

Passei a noite tentando esfriar os tanques [...] Comíamos sanduíche com Coca-Cola que a Liquigas distribuía. Chegaram as pessoas da diretoria de São Paulo e pediram para a gente ficar e fazer o que era possível. O incêndio foi até filmado. A cada explosão estouravam os vidros do escritório da empresa. Era um inferno, quase todo o bairro estava vazio [...] Eu tinha levado meu radinho de pilha para acompanhar os noticiários de esporte no domingo e acabamos escutando as notícias. O pessoal mandava todo mundo fugir, diziam que o bairro inteiro iria explodir. Daí foi uma correria ainda maior. Minha mãe, que morava a 40 quilômetros dali, ficou apavorada. Ela também acompanhava as notícias e notou que muita gente passava pela estrada do Ribeirão do Meio. [...] O pessoal se meteu no meio do mato, teve gente que até se perdeu. Os caras da rádio fizeram o maior alarde, apavoraram meio mundo.

(Depoimento concedido à jornalista Tayana Cardoso de Oliveira em 1987)

WALMOR RAMOS

Naquele dia, por volta das onze horas, minha esposa Hilda havia dado à luz duas crianças. O parto ocorreu em nossa casa, na Rua Jovito Anacleto, bem perto do terminal de gás. No final da tarde, a Hilda apresentou alguns problemas de saúde e fui até a farmácia para buscar o farmacêutico (naquele tempo o farmacêutico era como um médico de família).

Ao chegar em casa, escutei um barulho ensurdecedor. Rapidamente fechei as janelas e portas, porque não queria que Hilda e as crianças fossem perturbadas. Mas o calor era tão forte que ela logo desconfiou que um navio havia explodido. Foi então que pegamos um rosário e começamos a rezar.

O clarão era tão intenso que mesmo no interior da casa fechada era possível achar uma agulha no chão. Por causa do incêndio, toda a vizinhança já tinha fugido e não nos restava outra coisa senão rezar, já que Hilda tinha problemas para se locomover, haja vista ter acabado de dar à luz gêmeos.

(Síntese de depoimento concedido ao jornalista Cláudio Kantowicz em 2001)

III – IMPRENSA

Sensacionalismo

O veículo de comunicação de massa da época era o rádio. A televisão ainda não tinha chegado à Itajaí e os jornais sofriam sérias dificuldades técnicas, tanto no setor de impressão quanto no de distribuição. Basta lembrar que o principal jornal diário que circulava em Itajaí era A Nação, que simplesmente não circulou no dia três de fevereiro, porque no dia dois, uma terça-feira, foi feriado nas cidades de Itajaí e Navegantes.

A penetração do rádio junto à comunidade local realmente era intensa. Para se ter uma noção exata da influência do rádio sobre o comportamento das pessoas e das instituições, basta lembrar que a Guarnição do Corpo de Bombeiros de Blumenau já estava preparada para se lançar em socorro à cidade de Itajaí até mesmo antes de receber um comunicado oficial do Governo do Estado e dos próprios bombeiros de Itajaí. Segundo se comenta, ao ouvirem o radialista Afonso Luiz dar seu primeiro depoimento na Rádio Nereu Ramos, os bombeiros blumenauenses já tinham se motivado a promover esta arriscada empreitada.

Por muito tempo os radialistas de Itajaí foram acusados de terem promovido uma cobertura sensacionalista dos acontecimentos. Algumas autoridades, mais exaltadas, chegaram a afirmar que o comportamento leviano dos profissionais do rádio colocou em perigo a vida de milhares de cidadãos itajaienses. Os dois principais jornais de Itajaí, Jornal do Povo e A Nação, foram unânimes em condenar esta prática jornalística, principalmente o jornal A Nação.

O jornal A Nação, por exemplo, publicou diversas matérias sobre o assunto, que mereceu manchetes do tipo: “MUITA BALBÚRDIA E SENSACIONALISMO”, ou “HOVE MUITO SENSACIONALISMO”, e “ONDA DE SENSACIONALISMO EM TORNO DO INCÊNDIO OCORRIDO A BORDO DO NAVIO DE GAZ NORDESTE”

Em sua edição do dia seis de fevereiro, página sete, o jornal A Nação chegou a entrevistar o comandante responsável pela Delegacia da Capitania dos Portos em Itajaí, Capitão de Corveta Sérgio Ipiranga dos Guaranis, nos seguintes termos:

O Cap. Guaranis externava seu descontentamento quanto ao fato de pessoas, totalmente leigas ao assunto, fazerem do acidente um motivo de calamidade pública, que poderia ocasionar mortes sem necessidades, “pois a maior explosão verificada não alcançou a intensidade de uma granada antiga [...]” O Cap. afirmou ainda que o dever da imprensa é informar e não apavorar o público”.

Contudo, Marinho Lopes Stringari, o primeiro radialista a chegar ao local e dar em edição extraordinária o furo de reportagem sobre o incêndio do Petrobras Norte, na Rádio Clube de Itajaí, garante que sempre esteve de consciência tranqüila quanto a este episódio, porque “eu não assustei ninguém, só alertei”.

Marinho Lopes considera a possibilidade de algumas autoridades terem ficado um pouco magoadas com a imprensa, porque “nós chamamos a atenção para o fato de que o rebocador demorou muito tempo para tirar o navio de perto dos terminais de Cordeiros”. Além de criticar o trabalho das autoridades constituídas, os radialistas realmente usaram do seu poder de influência para orientar as famílias residentes nas regiões mais próximas aos terminais para que se retirassem o mais rápido possível. Lembra, contudo, que também eram pedidas calma e paciência a todos.

Marinho Lopes Stringari salienta ainda que “Rádio é pra isso mesmo: orientar a população. Assim, a minha posição, e dos meus companheiros de microfone, durante todo o episódio, foi correta, porque alertamos sobre o perigo e orientamos para que deixassem o local com calma”.

AFONSO LUIZ

O jornal A Nação, em sua “edição de Blumenau” do dia três de fevereiro, chegou a publicar na íntegra a cobertura que Afonso Luiz fez para a Rádio Nereu, da rede de comunicação Coligadas, oferecendo um excelente material para se avaliar até que ponto os radialistas prejudicaram a população quanto a provocar tumulto e pânico:

“Pavoroso incêndio está lavrando, cada vez mais no terminal marítimo da Heliogás. Senhoras e senhores, o Poder Legislativo Municipal que neste momento está procedendo a reunião de sua nova Mesa Diretora já tomou providências no que cabe em relação a este incêndio. Voltando a falar do assunto incêndio que está lavrando em Cordeiros, podemos afirmar aos nossos presados ouvintes que a situação em Itajaí é de calamidade pública, e que também a população toda alvoraçada, e realmente é de causar pavor os momentos que atravessamos em Itajaí. O navio petroleiro que estava descarregando gás liquefeito na terminal da Heliogás, foi o início do incêndio. Este navio já foi destruído e inclusive existem mortos e feridos. Agora está lavrando incêndio no trapiche de atracamento da Heliogás, encaminhando-se o fogo para os tanques de depósito do gás liquefeito.

Segundo informações de pessoas entendidas no assunto, de técnico da própria Heliogás, se estes tanques vierem a explodir, estarão em perigo também as terminais de petróleo das companhias Atlantic, Esso e Schell, que estão localizadas nas proximidades da terminal da Heliogás, bem como o terminal marítimo da Liquigas, que se encontra à poca distancia do terminal em chamas.

A cidade de Itajaí está sendo iluminada por clarão imenso, e podemos realmente afirmar que o quadro que se nos oferece aos olhos é mesmo de causar pavor. Entrementes a Polícia e particulares estão impedindo o transito entre Itajaí-Blumenau, para que não seja dada passagem nas proximidades do terminal que se encontra em chamas. A situação é de calamidade, porque se os tanques da Heliogás vierem a explodir, como já explodiram os tanques do navio poderá haver uma destruição parcial da cidade principalmente no bairro de Cordeiros. As casas próximas ao terrível incêndio já estão sendo evacuadas pelas autoridades. Entrementes, navios que se encontram no porto estão adotando providências para a qualquer momento largarem ferros, no caso do fogo vier a destruir os terminais e vir água abaixo. Podemos ainda adiantar aos ouvintes que o carro do Corpo de Bombeiros de Itajaí não está devidamente aparelhado para dar combate ao sinistro, ou pelo menos isoladas as chamas para que as mesmas não cheguem a atingir os tanques de petróleo.

Entretanto, solicitamos encarecidamente às firmas particulares de Blumenau e também ao Corpo de Bombeiros, que segundo soubemos já se desloca para Itajaí que enviem todos os socorros possíveis para que possamos evitar esta catástrofe que está ameaçando a cidade de Itajaí.

Autoridades e povo em geral, completamente apavorados com a situação, que poderá ser de causas imprevisíveis. Adiantamos ainda que existem mortos e feridos e a

reportagem da Rádio Clube de Itajaí permanece no local. Dentro de instantes se houver acontecimentos mais graves ainda voltaremos a falar com nossos colegas de Blumenau.

Contudo, o radialista mais lembrado pela população itajaiense é Sílvio Kurtz. O radialista

confirmou as palavras de Marinho Lopes Stringari, no sentido de que realmente eles estavam orientando a população para deixar suas casas, principalmente aquelas mais próximas dos terminais de combustíveis de Cordeiros. Em depoimento à jornalista Tayana Cardoso de Oliveira, Sílvio Kurtz lembrou que:

Foi horrível, a gente não sabia detalhar, a voz saía embargada. Nossa preocupação era tirar o povo dali, era fácil notar que aconteceria uma tragédia. Alguns reclamaram de sensacionalismo, de que estávamos apavorando a população. Mas a linguagem de rádio é assim mesmo, a notícia sai de maneira chocante porque descrevemos os acontecimento. O resto fica pela cabeça do ouvinte.

SÍLVIO KURTZ

Eu estava em casa, quando ouvi pelo rádio o pessoal do plantão de notícias me convocando para cobrir o incêndio. Acontece que eu morava na Osvaldo Reis (na Figueirinha, hoje mais conhecida como Fazendinha). Tentei chegar no prédio da Rádio Clube (que ficava na Rua Pedro Ferreira, esquina com a Samuel Heusi) o mais rápido possível, mas, mesmo de Lambreta, foi muito difícil porque o povo estava descendo de Cordeiros para o Centro em grande número.

Na rádio, me inteirei dos detalhes e segui, em companhia do Marinho Lopes Stringari, até Cordeiros. O maior problema foi o trânsito na Rua Blumenau, que ficou engavetado por horas. Como nós estávamos de Lambreta, muitas vezes conseguimos passar na contramão e por cima da calçada, e fomos em frente. O pessoal que estava deixando a Zona Norte da cidade insistia para que não fôssemos para o local. Um ouvinte me aconselhou: “Volte, Sílvio! Pelo amor de Deus, vai explodir tudo”.

Lá em Cordeiros conseguimos conectar o nosso equipamento ao telefone do terminal da Shell e transmitimos o primeiro boletim por volta das 18h40min ou 19 horas.

A impressão que tínhamos, devido ao clarão e ao calor, era que toda a Liquigás estava pegando fogo. Eu lembro ainda que, no momento que estávamos preparando nosso equipamento, uma pessoa nos alertou sobre o perigo que estávamos correndo, porque podia pegar fogo em tudo: “Saíam daqui porque Cordeiros pode sair do mapa”.

Eu não tinha dúvida de que a situação era grave, por isso mesmo eu pedi pelos microfones da Rádio Clube que o povo evacuasse Cordeiros. Na minha opinião a cidade não corria tanto risco, mas Cordeiros sim, com certeza. Eu realmente usei por diversas vezes a expressão: **“Por favor, corram! Deixem suas casas! Cordeiros pode sair do mapa. Corram, porque se o fogo se alastrar Cordeiros vai sair do mapa!”**. Eu tinha de falar isso, porque realmente a situação era desesperadora. O que víamos era muito sério. Quem estava tão próximo do incêndio não tinha como não usar essa expressão de pavor, porque o fogo refletia na água e dava a impressão de que vinha para cima da gente. Era algo realmente muito forte e desesperador.

Depois de transmitir o boletim pelo telefone da Shell, seguimos para o porto da balsa, porque do local podíamos visualizar melhor o que estava ocorrendo na Liquigás. Nesse momento, vimos algumas explosões e muita gente correndo. Entrevistamos algumas pessoas e encerramos a transmissão. A Rádio continuou dando cobertura do incêndio, contando com a participação de ouvintes que telefonavam para o estúdio.

Quando voltei para casa, pude observar que o Morro Cortado tinha virado uma grande arquibancada. O povo da região e um grande número de pessoas que tinham abandonado suas casas na Zona Norte ficaram no local, porque dali podia se ver muito bem Cordeiros. No dia seguinte a Clube continuou a divulgar os fatos referentes ao incêndio do Petrobras Norte, apesar da dificuldade que nosso pessoal encontrou para chegar ao local. Marinho Stringari, Afonso Luiz e Ribeiro Luz foram até Cordeiros e falaram por telefone, orientando a população para voltar às suas casas, enquanto que eu e o Osvaldo Vieira ficamos no estúdio da Rádio.

(Depoimento concedido no mês de maio de 2002)

A imprensa nacional também deu destaque para o incêndio do Petrobras Norte. A principal revista brasileira da época O Cruzeiro, por exemplo, publicou com destaque uma matéria assinada pelo jornalista Tito Tajés, com fotos de Umbelino Cidral (Beline) e de Vicente Brigoni, do laboratório “Foto Mara”.

O CRUZEIRO PELO BRASIL E PELO MUNDO

“O PROPANEIRO Petrobrás-Norte, atracado no rio Itajaí-Açu, estava cumprindo normalmente sua missão: fizera escala naquele porto para, em seguida, demandar Porto Alegre, depois de descarregar 350 toneladas de gás liquefeito. À tarde, enquanto o gás era bombeado para os tanques de terra, passara pelo barco a procissão fluvial dos Navegantes, conduzindo a imagem da Santa protetora dos homens do mar. O propaneiro, unindo-se ao Coro de apitos dos navios ancorados, saudou-a festivamente. Quase noitinha, a satisfação dos tripulantes aumentara, quando o Comandante anunciou o adiamento da partida. Principalmente, o bombeador Odílio Garcia ficou muito alegre, pois poderia visitar sua família, mãe e oito irmãos, em Itajaí, e participar também em terra da festa da Padroeira dos Navegantes.

As vinte horas soaram, porém, fatidicamente. Explosões violentas sacudiram o cais e a redondeza, chamas gigantescas subiram ao céu na terminal de gás das companhias Heliogás e Liquigás. Houve o alarme e o pânico: a alguns quilômetros da terminal, depósitos da Shell, Esso e Atlantic poderiam ser contaminados, com a violência das chamas. A bordo a luta era contra o fogo e pela vida. Dos seis tripulantes da descarga apenas três apareceram, inclusive Odílio Garcia, que se lançou heroicamente às chamas para fechar as válvulas, gesto que lhe custou a vida horas depois, vítima de terríveis queimaduras.

O navio continuou a arder toda a noite e só no dia seguinte pôde ser rebocado para lugar ermo, ainda com 500 toneladas de gás nos tanques abaixo da linha de flutuação. Na explosão do Petrobrás-Norte, em cuja proximidade se encontrava o petroleiro Paraná, morreram ainda mais dois companheiros de Odílio, o audacioso herói que, com sua bravura, salvou talvez Itajaí de um pavoroso incêndio de proporções gerais.”

III – LITERATURA

HERÓI SIMPLES

Neli Barreto Dutra

*Foste um herói
homem simples.
Na tua simplicidade
foste um herói.*

Sem heroísmo guerreiro foste um herói de consciência.
Naquele momento falou a voz de tua alma, a voz do dever.
Houve em ti muita bravura e muita coragem.
Tudo fizeste com rapidez, cuidado e altruísmo,
E foste extraordinário pelo teu valor, pelo teu triunfo.
Os teus braços foram queimados
E morreste como herói ... – herói sem condecoração!
Estás incluído no rol dos heróis.
O herói verdadeiro não mata e medalhas não tem.
É como tu, homem simples;
Evita desgraças e mortes e choro e luto,
Elogio e publicidade.
O teu heroísmo
Está dentro de ti,
Está no teu sangue,
No teu coração
E na tua consciência.

(Poesia publicada na edição de três de abril de 1965 do Jornal do Povo, supostamente em
homenagem a Odílio Garcia)

O INCÊNDIO DO NAVIO

Fábio

Historiando em resumo
A catástrofe de Cordeiros
Quando já anoitecendo
Dia dois de fevereiro
Um incêndio começava
Destruindo um petroleiro.

Eram dezenove e trinta
Talvez até fosse mais
Um navio junto ao trapiche
Das Companhias de gás
Incendiava em estouro
Tirando do povo a paz.

Com a explosão do navio
Cordeiros todo tremeu
O povo ficou em pânico
E pela rua correu
Assustado esperando
O que não aconteceu.

As chamas que levantavam
Com grande velocidade
Fizeram com que o povo
Deixasse a localidade
Correndo mais para o centro
Abandonando a cidade.

E corriam com razão
Pois todos pensavam assim
Que Cordeiros nesta hora
Representava um estopim
De fato se o fogo pega
Poderia ter seu fim.

O povo se lastimava
Era grande a correria
Relampiava e trovejava
Forte chuva que caía
De longe dava impressão
Que fogo mais acendia.

Muitos já em desespero
Pelo mato caminhavam
Escorregavam e caíam
Com esforço levantavam
Quantas mães com seus filhinhos
Que no colo carregavam.

Com chuva na mata escura
Crianças a chorar de frio
Enfrentando pedra, espinho
Cruzando valos e rios
Escapando da fogueira
Que destruía o navio.

O que mais preocupava
A toda humanidade
Era gás e gasolina
Que em grande quantidade
Existia nos depósitos
Daquela localidade.

Mas graças ao bom Deus
Nosso pai onipotente
Se não fosse suas graças
E a fé de nossa gente
Cordeiros podia ser
Queimada completamente.

Se o fogo penetrasse
Nas companhias de gás
Poderia explodir Shell,
Esso, Atlantic e os demais
Talvez Cordeiros teria
Chegado aos dias finais.

Mas Deus olhando o perigo
Que sobre nós avançava
Mandou uma forte chuva
Que no navio penetrava
Acalmando as fortes chamas
Que do navio levantava.

Veio corpos de bombeiros
Com coragem e perfeição
Jogando água nos tanques
Calmando a situação
Com a proteção de Deus
Livraram a destruição.

As emissoras de rádio
Numa transmissão direta
Esforçavam-se para dar
Uma cobertura completa
Reportando a cada instante
Numa atitude de alerta.

O povo da redondeza
Que estava mais retirado
Mesmo prevendo o perigo
Ficando um pouco assustado
Permanecia em seu lar
Com o seu rádio ligado.

Pois olhando lá de longe
Em direção à cidade
Viam que fogo fazia
Uma grande claridade
Entre eles comentavam
É uma barbaridade.

Mas vamos deixar aqueles
Que lá de longe estão vendo
Vamos voltar ao local
Onde o navio está ardendo
Para ver que se passa
E o que está acontecendo.

Para nós aqui de perto
Que vimos a situação
Como o fogo levantava
Fazendo um forte clarão
Talvez que até os bombeiros
Não seriam a solução.

Os três corpos de bombeiros
Que estavam no local
Era um de Itajaí
E outro de Blumenau
Unindo-se aos bombeiros
Que veio da capital.

O navio Petrobras Norte
Que quase foi destruído
Vinha lotado de gás
E de óleo abastecido
Mas devido o forte fogo
Não pôde ser defendido.

Eram mais de vinte homens
A sua tripulação
Alguns estavam ausentes
Na hora da explosão
E os que estavam a bordo
Foi triste a situação.

Apesar de muito esforço
Alguns puderam escapar
Jogando-se sobre o rio
Puderam se retirar
Outros o fogo cercou
Não puderam se salvar.

Quatro morreram queimado
Cinco ou seis ficou ferido
O navio Norte ficou
Quase todo destruído
E Itajaí perdeu
Um de seus filhos querido.

Chamava-se ele Odílio
Moço forte inteligente
Já fazia muito tempo
Que daqui estava ausente
Vinha rever sua terra
E visitar seus parentes.

Mas a sorte foi ingrata
Deus assim o permitiu
Para salvar o seu povo
E defender seu navio
Enfrentou o forte fogo
Mas depois não resistiu.

Com as fortes queimaduras
Que o seu corpo sentia
Ficou hospitalizado
Morrendo no outro dia
Levando o título de herói
Pois o moço merecia.

Com ajuda de um barco
O navio foi rebocado
Pra outra margem do rio
Ficando lá encostado
E o povo em grande massa
Vendo o navio sinistrado.

O povo ficou mais calmo
Alguns ficaram sofrendo
Quarenta e três horas o fogo
No navio ficou ardendo
Com os bombeiros a bordo
Dando fim ao grande incêndio.

As nossas autoridades
Aos corpos de bombeiros
Aos homens de imprensa
Ao povo de Cordeiros
Pedimos que agradeçam
O nosso Deus verdadeiro.

Faço aqui a despedida
A todos peço perdão
Bem sei que não sou poeta
Indo servir de coberta
Onde há desilusão.

(Folhetim publicado supostamente por Fábio, uma vez que encontramos este nome na última estrofe em formato de acróstico. O exemplar que temos não contém título, data e nome completo do autor. O título aqui publicado foi determinado por uma conversa que tivemos com um morador de Cordeiros que teve acesso a um outro folhetim completo)

UM HERÓI ANÔNIMO

Émerson Pedro Ghislandi

Foi em meados da década de 60. Itajaí, com seus 60 ou 70 mil habitantes, esboçava os primeiros passos rumo ao desenvolvimento, impulsionado principalmente pela fecunda atividade pesqueira e pelo seu porto mercante. Era uma cidade pacata, provinciana, características que até os dias de hoje, indelevelmente, ainda mantém. Mas naquela época, nem mesmo a Rua Brusque, uma das principais artérias da cidade, possuía calçamento. Era ali que minha família morava, há longos anos, e onde a quietude era quebrada pela passagem, às vezes tímida, às vezes alvoroçada, de cavalos a puxar carroças ou carros de mola. Eu deveria ter meus sete anos de idade e de travessuras. De pés descalços, gostava de brincar na chuva e de sentir o cheiro da terra levantando ao sabor da água que caía.

Foi um final de tarde, lembro-me bem. A calmaria foi quebrada por fortes estampidos, vindos não sabia de onde, mas que chegavam a iluminar as encostas do Morro da Cruz. Era mágico e assustador ao mesmo tempo. Mas o que seria aquilo? Era o que todos se perguntavam. Boa coisa não seria. De repente veio a notícia apocalíptica. Um navio que descarregava um carregamento de gás nos terminais da Heliogás ardia em chamas. E o fogo, caso não fosse contido a tempo, tomaria conta da cidade. A catástrofe se prenunciava porque a Heliogás se localizava justamente nos Cordeiros, em meio aos terminais petrolíferos da Texaco, Shell, Ipiranga e Atlantic.

Foram horas de desespero. As pessoas corriam apavoradas, mulheres carregavam trouxas de roupas nas costas, filhos nos braços. Caminhões com suas carrocerias lotadas só tinham um destino: fugir do fogo, fugir da cidade que seria riscada do mapa. A tragédia estava estampada nos semblantes aflitos. Um vizinho ofereceu seu caminhão para que fugíssemos juntos, as duas famílias, para Balneário Camboriú. Mas não seria para tanto, dizia meu pai, propenso a esperar o desenrolar dos acontecimentos.

Com o passar das horas, os reflexos de luzes no Morro da Cruz, contrastando com o negrume da noite que avançava, foram se amainando, se amainando, até desaparecerem por completo. Depois se soube. O bombeiro do navio, encarregado de bombear o gás para os tanques da Heliogás, havia investido contra as chamas ardentes e fechado as válvulas que davam vazão ao gás, evitando que a tragédia se consumasse. Logo em seguida ao ato heróico, ele jogou-se nas águas do rio Itajaí-açu, de onde foi retirado quase sem vida, com queimaduras generalizadas que cobriam de bolhas todo o seu corpo. Levado ao hospital, não resistiu e morreu.

Como prêmio pelo seu heroísmo e coragem, ele teve seu nome dado a uma rua da cidade. Rua Odílio Garcia, uma rua de subúrbio, no bairro de Cordeiros, próximo ao local onde, despojando-se do medo, doou a própria vida para salvar dezenas, centenas, quem sabe milhares de vidas. A empresa onde Odílio Garcia trabalhava negou à sua família qualquer indenização. Ofertou sim, ao pai de Odílio Garcia, uma medalha de honra ao mérito para que fosse colocada no túmulo do filho. Nada mais. E nos anais da história de Itajaí, nenhuma linha, sequer, foi escrita. Nenhuma homenagem, nenhum busto. Só restou o esquecimento.

(Crônica escrita em 1993, quando Émerson Ghislandi era aluno do Curso de Jornalismo da Univali)

IV – ODÍLIO GARCIA

Odílio Garcia nasceu às dez horas do dia 25 de julho do ano de 1930, no Sertão de Santa Luzia, município de Porto Belo. Foi o quarto filho do casal Cândido Antônio Garcia e Zulmira Lídia Garcia (em alguns documentos consta Zulmira Catarina Garcia). Seus irmãos são: Isaura Garcia Roslindo (residente em Tijucas), Doracy Garcia Pedro (residente em Itajaí), Julita Garcia dos Santos (residente em Itajaí), Dilma Zulmira Garcia (residente em Itajaí – na casa que herdou de seus pais na Rua Alberto Werner), José Ramos Garcia (residente em Itajaí), Maria Lídia Garcia Sacaven (residente em Navegantes), Maria de Lourdes Garcia da Veiga (residente na Espanha).

Apesar de ter começado a trabalhar muito cedo, em sua Carteira de Trabalho (que tirou na cidade de Itajaí no dia 15 de fevereiro de 1949) consta apenas o registro do emprego de segundo condutor motorista em embarcações da empresa santista Christiani-Nielsen Engenheiros e Construtores, com entrada no dia 16 de setembro de 1949 e saída no dia 31 de janeiro de 1950. Contudo, é sabido que Odílio Garcia também trabalhou embarcado em diversos barcos de pesca de Santos. Na cidade de Itajaí, Odílio Garcia trabalhou na Fundação Hoffmann e também no escritório de advocacia de Osmar de Souza Nunes. Comenta-se ainda que Odílio Garcia chegou a trabalhar nas lanchas da Companhia Malburg que faziam o trajeto Itajaí-Blumenau pela hidrovía do Itajaí-açu. Estava há 17 anos trabalhando nos navios da Fronape, empresa vinculada à Petrobras.

Por ter a obrigação de trabalhar desde os 12 anos, Odílio Garcia não teve a oportunidade de completar seus estudos, conseguindo terminar apenas o ciclo primário (escolaridade considerada normal para a época, uma vez que não havia escola noturna para os trabalhadores e outras facilidades encontradas no dias de hoje). Contudo, ele era tido como um autodidata. Compensava a pouca escolaridade com sua vontade de ler e aprender, e o fazia por conta própria. Seu tema preferido de leitura era a política.

Política

Odílio Garcia era considerado por todos uma pessoa muito inteligente e politizada, com tendência ideológica de esquerda. Engajado em diversos movimentos classistas na cidade do Rio de Janeiro, chegou a ter medo de represálias por parte dos militares que deram o Golpe de 64. Nessa oportunidade, para evitar de ser preso, ficou escondido em casas de amigos por um bom tempo.

Era anti-lacerdista (Carlos Lacerda) e frontalmente contra a política norte-americana e sua influência sobre o Brasil. Era um nacionalista moderado. Como viajava freqüentemente para a Venezuela e alguns países da região, para buscar petróleo com os navios da Fronape, via a realidade local e fazia uma péssima imagem a respeito dos desdobramentos políticos e econômicos da dominação americana sobre a América Latina.

Ficava tão indignado com a dependência econômica da Venezuela em relação aos Estados Unidos que em certa ocasião chegou a trazer da Venezuela uma caixa de ovos com o carimbo “Made in U.S.A”, para provar aos amigos o quanto este país era dependente. Depois de mostrar a caixa de ovos, afirmava com convicção: “O dia que acabar o petróleo os Estados Unidos vão abandonar esse país à própria sorte”.

Odílio Garcia defendia muitas ações modernizantes do Governo Juscelino (Juscelino Kubitschek de Oliveira foi presidente entre 31 de janeiro de 1956 e 31 de janeiro de 1961). Depois também defendeu e apoiou as medidas mais radicais do Governo Jango (João Belchior Marques Goulart foi presidente entre 8 de setembro de 1961 e primeiro de abril de 1964). Entre as medidas que considerava necessárias para o Brasil, dava especial atenção para a reforma agrária.

Segundo seu irmão e companheiro José Ramos Garcia “Um dos seus temas preferidos era a política. Lia muito sobre política e às vezes a família e os amigos chegavam a considerá-lo um chato, porque tentava doutrinar todos ao seu redor”. Odílio não chegou a ser um “comunista de carteirinha” (ser filiado ao Partido Comunista Brasileiro), mas defendia algumas medidas mais radicais apregoadas pela doutrina Socialista. Talvez não tivesse se convertido definitivamente ao Comunismo porque era muito religioso. Odílio andava sempre com um pequeno rosário, contendo uma imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Nascimento na guerra

Pelo menos uma história na vida de Odílio Garcia traz muita polêmica nas conversas familiares. Trata-se das circunstâncias em que Odílio Garcia nasceu. Como sua data de nascimento coincide com a data da Revolução de Trinta, alguns conhecidos garantem que Odílio veio ao mundo dentro de uma carroça (ou carro-de-boi) quando sua família deixava o Sertão de Santa Luzia, indo para terras localizadas mais no interior, visando fugir de ações militares empreendidas em toda a região pelas tropas leais a Getúlio Vargas.

Julita Garcia dos Santos tem uma versão menos polêmica para o caso:

“O nosso pai tinha saído de casa para fazer compras em Florianópolis. Acontece que um dos exércitos em conflito jogou uma grande bomba no terreno de nossa propriedade, assustando todo mundo, já que o objeto chegou em forma de bola de fogo. Diante do perigo, o tio Fidélis (Didi) reuniu todo mundo, colocou dentro de uma carroça (ou carro-de-boi) e levou para o interior. No meio do caminho, o Odílio Garcia, que era recém-nascido, talvez tivesse menos de um mês de vida, caiu da carroça. Mas foi só isso. Até onde sei ele não nasceu na carroça.”

Família

Além de ser bastante apegado à religião católica, Odílio dava muito valor à família, apesar de ter saído muito cedo de casa (cerca de 14 anos de idade) para embarcar em uma “chata” (navio de transporte de madeira geralmente de nacionalidade Argentina) no Porto de Santos. Aos amigos mais próximos e parentes, Odílio demonstrava estar cansado da vida de marítimo. Reclamava que vivendo de porto em porto não tinha tempo nem estrutura para ficar mais próximo à família, e até mesmo de constituir sua própria família.

Nos últimos tempos, Odílio Garcia estava triste, apresentando sinais de cansaço e desânimo quanto à vida de marítimo. O principal motivo era a falta de uma família. Ao contrário de muitos marítimos, Odílio Garcia entendia que para ter esposa e filhos teria de deixar a vida de embarcado. Por isso seus planos sempre foram adiados, não queria “fazer filhos e sair pelo mundo”, mas ao mesmo tempo não tinha condições financeiras de se manter até arranjar outra profissão rendosa em terra. No período que antecedeu o acidente que o vitimou, Odílio estava de licença médica no Rio de Janeiro, e poderia estar amadurecendo a idéia de deixar a Fronape. Chegou a conversar demoradamente com Sebastião Floriano dos Santos (também marítimo na ocasião, seu cunhado e amigo) sobre seus planos.

Diversão

Odílio Garcia tinha duas diversões preferidas: dançar e contar piadas. O seu fascínio por piadas era tão grande que quando deu entrada no Hospital Marieta, praticamente todo queimado, ainda conseguiu se identificar, pedir a presença de um padre e ensaiar contar uma piada. Segundo testemunha sua irmã Julita Garcia dos Santos:

Ele gostava muito de dançar e também de ouvir e contar piadas. Chegava até mesmo a colecionar as piadas. Tinha dois cadernos enormes, onde anotava as piadas que ouvia, como se fosse um diário, de tão caprichado que era. As piadas preferidas eram as de português. Contudo, tinha um jeito relativamente sóbrio de contar piadas. Nunca excedendo nos termos, ou caindo na vulgaridade. Criou um estilo todo próprio de contar piadas.

Outra diversão que Odílio levava a sério era a dança de salão. Era considerado por todos como um verdadeiro “pé de valsa”. Como tinha uma ideologia de esquerda, Odílio nunca gostou muito de freqüentar os salões da Sociedade da Vila e Guarani, porque considerava seus freqüentadores burgueses, da elite. Preferia freqüentar o Grêmio XXI de Julho (localizado na Rua Blumenau e também chamado de Ramos, porque o prédio era de propriedade do empresário Antonio Ramos). Também dançava em gafieiras e salões do interior, como: “Manezinho”, “Jaime”, “Sudam” (Navegantes) e “Itaipava”. Geralmente era acompanhado por seu irmão mais velho, José Ramos Garcia (Zé Ramos).

Odílio não sabia dirigir carro e era uma verdadeira nulidade no esporte. Não gostava de jogar futebol ou nadar, e não ia à praia. Seu passatempo e esporte era dançar.

Bens

Odílio Garcia tinha três terrenos em Itajaí e dois apartamentos no Rio de Janeiro, propriedades que deixou a seu pai, Cândido Antonio Garcia, uma vez que não era casado e não deixou filhos. Os terrenos de Itajaí, dois ficam localizados na Rua Duque de Caxias, onde atualmente residem sua sobrinha Irene Maria e sua irmã Lourdes Garcia; o terceiro fica localizado na Rua José Tedeo e faz divisa com a tradicional casa do ex-prefeito Lito Seara, no São Judas Tadeu. Os apartamentos no Rio de Janeiro ficavam na Rua Taylor número 31 e na Avenida do Exército, número 36. Odílio morava em um desses apartamentos, no Bairro da Glória. Mas, no Rio de Janeiro, Odílio Garcia morou muito tempo em pensões domiciliares de uma senhora portuguesa.

Como era solteiro, seu pai também tinha direito à pensão e indenização. Mas para recebê-las, teve de contratar o advogado Dalmo Vieira, sendo que no final de onze anos conseguiu receber da Fronape uma pensão vitalícia correspondente a dois salários mínimos. Acontece que a diretoria da Petrobras, dias após a morte de Odílio Garcia, visando neutralizar os efeitos negativos da tragédia sobre a sua imagem institucional, noticiou em todos os jornais (até em nível nacional) que a empresa iria pagar uma indenização milionária para as famílias das vítimas.

A matéria publicada no jornal O Globo, por exemplo, tem o seguinte texto:

As famílias das vítimas do incêndio Do navio terão pensões especiais

“As famílias dos três tripulantes do navio Petrobras Norte que pereceram no incêndio ocorrido a bordo dia 2 último, no Porto de Itajaí, receberão da Petrobrás pensões especiais, segundo informou ontem a O GLOBO o Sr. Carlos Batista, do Departamento de Relações Públicas da empresa. As pensões serão calculadas em trinta vezes o salário-base percebido por cada uma das vítimas e terão reajustamentos proporcionais aos aumentos concedidos pela empresa. Além disso, os familiares dos trabalhadores receberão os adicionais de periculosidade e as pensões do IAPI”.

No hospital

Ao dar entrada no Hospital Marieta Konder Bornhausen, Odílio Garcia ainda apresentava sinais de lucidez, pois conseguiu se identificar, pedindo a presença da família, bem como a presença de um padre porque pretendia se confessar.

Seu irmão mais velho, José Ramos Garcia, foi o primeiro a chegar ao hospital e o primeiro familiar que o médico José Eliomar da Silva deixou ter contato direto com Odílio Garcia, visando seu efetivo reconhecimento. José Ramos foi recebido no hospital pelo médico Wilson Reblin, que o conduziu até o corredor onde Odílio estava sobre uma maca, aguardando internação na UTI, e lhe comunicou do estado crítico “irreversível” do paciente.

“O meu drama foi avisar a minha mãe, porque ela era hipertensa e também muito apegada ao Dilo” – relata José Ramos. A saída encontrada foi entrar em contato com o médico da família, Afonso Liberato, que prontamente receitou um calmante e mandou uma enfermeira para dar o medicamento à Dona Zulmira, de forma a prepará-la para a trágica notícia.

Todo mundo foi pego de surpresa, justamente porque Odílio Garcia não trabalhava no navio Petrobras Norte, e seu navio nunca fazia escala nos portos da Região Sul do Brasil. Sua rota oficial era sempre do Rio de Janeiro para o Norte/Nordeste e também Venezuela e América Central. No começo, ainda ficou mais difícil de acreditar que Odílio estava no navio porque todos sabiam que ele se encontrava afastado, para tratamento de saúde. Acontece que a Fronape o chamou em caráter de urgência para substituir um bombeador que ficara gravemente doente em Porto Alegre. Odílio foi de avião do Rio de Janeiro até Porto Alegre e ainda ajudou a descarregar o navio naquele porto.

Tripulantes que tiveram acesso ao camarim de Odílio Garcia garantem que ele tinha comprado diversos presentes para entregar a seus familiares. Estes presentes, contudo, nunca foram entregues, sendo consumidos pelas chamas no fatídico dia dois de fevereiro de 1965.

Homenagens

Odílio Garcia recebeu poucas, mas marcantes homenagens da cidade onde morou por muitos anos e pela qual deu sua vida.

A primeira grande homenagem foi realizada no dia 04 de maio de 1965, quando o prefeito Eduardo Sólton Cabral Canziani sancionou a lei de número 640, denominando de Odílio Garcia a rua localizada defronte aos terminais da Liquigás, em Cordeiros.

A segunda grande homenagem teve início no dia 27 de dezembro de 1999, quando a Câmara de Vereadores aprovou o Projeto de Lei de número 108/99 denominando o Parque Náutico de Cordeiros como Parque Náutico Odílio Garcia. No dia 28 de dezembro, o prefeito Jandir Bellini sancionou a Lei número 3.472 , oficializando a iniciativa da Câmara. Em 02 de fevereiro de 2000, na presença de todos os familiares de Odílio Garcia, foi descerrada a placa em sua homenagem na praça do Parque Náutico e depois promovida uma exposição fotográfica nas dependências da Casa da Cultura.

Perfil

Odílio Garcia já apresentava, desde muito cedo, sinais de calvície. Tinha baixa estatura, sendo que em sua Carteira de Trabalho está registrada a altura de um metro e sessenta e dois centímetros (1,62m). Cor branca, olhos castanhos, sem sinais particulares, instrução primária, profissão marítimo. Engajado politicamente.

Odílio Garcia freqüentou diversos cursos de aprimoramento profissional, principalmente após ter ingressado na Petrobras. Entre estes cursos, está o CURSO DE COMBATE A INCÊNDIO, que lhe conferiu diploma expedido pelo Ministério da Marinha, através do Centro de Adestramento Almirante Marques de Leão, localizado no Rio de Janeiro. O diploma é datado de 26 de dezembro de 1958.

De temperamento alegre, descontraído e apaixonado por dança. Fazia amizade com relativa facilidade, acompanhando sempre as amigas de suas irmãs nos bailes e festas. Ficou um pouco triste, após os trinta, por se achar sozinho, devido à profissão de marítimo. Quando novo, contudo, era alegre e simples. “Gostava de se trajar bem, mas com simplicidade”, testemunha sua irmã, Julita Garcia dos Santos.

V – CONCLUSÃO

Ao cair da tarde do dia dois de fevereiro do ano de um mil novecentos e sessenta e cinco a população de Itajaí teve sua rotina diária interrompida pelo incêndio em um navio de gás que ameaçava alastrar-se por toda a cidade.

Diante das informações desencontradas, muitos foram os itajaienses que resolveram abandonar tudo e correr com seus familiares para um lugar mais afastado e seguro. Famílias inteiras fugiram para Balneário Camboriú, Camboriú, Brusque, Ilhota e até Florianópolis. Contudo, a maioria escolheu Cabeçudas e a parte mais alta da cidade (Morro da Cruz e Morro Cortado) como ponto de refúgio de uma catástrofe que se anunciava. Porém, enquanto a maioria corria para longe do local do sinistro, uma minoria curiosa e destemida fazia o percurso inverso, indo em direção ao bairro de Cordeiros para assistir, de cima da ponte Ministro Victor Konder, o espetáculo mórbido oferecido aos itajaienses pelo navio Petrobras Norte.

A pergunta que ficou registrada na consciência coletiva do itajaiense, ao longo de todos esses anos foi uma só: **Itajaí realmente correu risco de ser eliminada do mapa pelo fogo?**

Após coletarmos o depoimento de centenas de pessoas, recolher fotos, ler o que foi publicado à época sobre o episódio, podemos responder com convicção: **Sim! Itajaí correu risco real de ter parte substancial de sua área urbana consumida pelas chamas.**

Mas, que elementos temos para sustentar tanta convicção? Consideramos como principal informação, para chegar a esta conclusão, depoimentos que o comandante Aguinaldo Braga deu a diversas pessoas, tanto nos corredores do Hotel Malburg (onde a tripulação do Petrobras Norte estava hospedada – na Rua Lauro Muller, hoje Hotel Caiçaras), como nos corredores do Hospital Marieta Konder Bornhausen (para onde os feridos foram levados), externando sua preocupação com o fato de a população itajaiense não ter permanecido muito tempo longe da área sinistrada. Dizia o

comandante, em tom de extrema preocupação: **“As pessoas de Itajaí já estão retornando as suas casas, elas não sabem o risco que ainda estão correndo”**.

O comandante se referia à possibilidade de o navio Petrobras Norte explodir, mudando por completo e de forma imprevista e repentina as características do incêndio. Ou seja, enquanto as estruturas do navio estavam suportando o calor produzido pela queima do gás, e considerando que a tendência das chamas era subir, o sinistro tinha tudo para ficar restrito àquela pequena área de Cordeiros, no máximo se alastrando para os tanques da Liquigás e Heliogás.

Agora, se o navio não suportasse o calor e explodisse, liberaria toneladas de óleo diesel marítimo que estavam depositadas nos tanques alimentadores de seus motores de propulsão. Este óleo incandescente seria levado pelas águas do Itajaí-açu até a foz, incendiando tudo que encontrasse às suas margens: barcos de pesca, trapiches, residências e até navios de grande porte atracados no porto de carga geral. Na época, Itajaí também era sede de grandes empresas madeireiras, tais como: Castelli, Indústria e Comércio de Madeiras, Santos Almeida, Pratense, Arlindo Schmitt, Coesa, Caçadoreense, Madebil, Douat, Luersen, Marcelinense, Sicobras e Sacomex, entre tantas outras.

Pior! Muito pior! A menos de quinhentos metros de distância do Petrobras Norte, no terminal da Shell, o navio Petrobras Paraná, também pertencente à Fronape – Frota Nacional de Petroleiros, estava no meio de uma operação de descarga de derivados de petróleo, como gasolina e óleo diesel (os terminais de Itajaí abasteciam o litoral Norte de Santa Catarina e parte do estado do Paraná). Se o óleo do motor do Petrobras Norte chegasse a envolver o Petrobras Paraná, possivelmente este navio também explodiria, aumentando ainda mais o caudal de fogo rio abaixo.

A catástrofe seria inevitável, porque a situação ficaria completamente fora de controle, uma vez que nossa guarnição do Corpo de Bombeiros não estava devidamente aparelhada, nem sequer

treinada, para atuar nestas condições, como podemos perceber no texto publicado na capa do Jornal do Povo do dia 13 de fevereiro:

Razões de sobejo tiveram os moradores em abandonar os seus lares, espavoridos com a tremenda catástrofe. Felizmente tudo passou e o sinistro ficou limitado ao aludido navio. Mas a advertência ficou mais uma vez. As nossas ponderações lançadas quando do incêndio da Fábrica de Giz de nada valeram. Mais uma vez ficou comprovado que nosso Corpo de Bombeiros não funciona. Tivemos que recorrer aos de Blumenau e de Florianópolis [...] E nós continuamos a bater na mesma tecla: mais vale prevenir do que remediar.

O pior de tudo é que o diretor da Heliogás, coronel Hosche Monteiro Ache, em visita que promoveu às guarnições do Corpo de Bombeiros de Itajaí e Blumenau no dia 09 de fevereiro, também confirmou que estas instituições não estavam preparadas para dar segurança ao povo itajaiense. Texto neste sentido é, encontrado no jornal A Nação, em sua edição do dia dez de fevereiro, página nove:

Verificando os materiais de nossos bombeiros, constataria falta de um grande número de utensílios, indispensáveis no combate às chamas. Prometeu que vai interpor o seu prestígio junto ao Exército, para que nossos bombeiros recebam o material de que tem necessidade, prometendo, de antemão, que de qualquer maneira, receberão máscaras, facões, machadinhas, cordilhame e roupas de amianto.

A própria Petrobras também evidencia a falta de estrutura em Itajaí. Em nota divulgada por sua Assessoria de Relações Públicas, no Rio de Janeiro, salienta que: “A *PETROBRAS conseguiu com a FAB, a ida de um avião à Itajaí, levando suprimento de plasma e conduzindo pessoal do setor de segurança da FRONAPE.[...]*”. Depois, o próprio superintendente da Fronape, Comandante Paulo Justino Strauss, em entrevista coletiva registrada pela rede de jornais Diários Associados, à qual estava vinculado o jornal A Nação, mostra toda a deficiência do aparato existente em Itajaí ao afirmar que embarcaria “*imediatamente para Itajaí, levando plasma sanguíneo para os tripulantes que sofreram queimaduras na explosão do navio petroleiro Norte [...]*”.

As notas divulgadas pela Psetrobras/Fronape evidenciam duas coisas: 1) o Hospital Marieta Konder Bornhausen não estaria preparado para tratar, em situação de emergência, um número expressivo de queimados; 2) o pessoal responsável pelo combate ao incêndio estaria necessitando de um reforço de especialistas do Rio de Janeiro.

Outra ocorrência grave naquele início de noite foi a retirada do navio Petrobras Paraná do Terminal Marítimo da Shell. Contando com apenas três tripulantes, o comandante tirou o navio do terminal, arriscando sua vida e promovendo uma manobra desesperada, que também poderia ter resultado em um outro grave acidente. Na sua edição do dia quatro de fevereiro de 1965, o jornal A Nação publicou o seguinte texto:

No momento em que lavrou o incêndio à bordo do NORDESTE (SIC!), encontrava-se no porto da Shell, com seus tanques carregados, o petroleiro da FRONAPE, PARANÁ. Seu Comandante, num gesto de bravura, ainda não visto em Itajaí, valendo-se da sua indiscutível capacidade com mais três tripulantes, apenas fez-se ao largo, levando o navio rio abaixo, colocando-o em lugar seguro.

Com isso, providencialmente, estaria evitando uma catástrofe de proporções imprevisíveis. Se o navio de gás rompesse a corrente da âncora e se soltasse poderia chocar-se ao petroleiro, resultando daí explosões nos navios e nos terminais.

Portanto, quando a população começou a retornar às suas residências, no meio da madrugada do dia três de fevereiro, porque o fogo parecia abrandar, o perigo ainda estava presente e parte significativa da cidade de Itajaí, a qualquer momento, poderia ser envolvida pelas chamas. Todos estavam apenas e tão-somente pensando no gás, quando o verdadeiro perigo estava bem escondido nos tanques de combustível do Petrobras Norte. O inimigo estava invisível aos olhos de todos. Restava ainda a hipótese de o navio se desgarrar e ser levado rio abaixo, como uma verdadeira bola de fogo.

Mas, felizmente, o pior não aconteceu. É certo que cinco preciosas vidas foram perdidas, muitas outras pessoas ficaram feridas, um navio foi completamente inutilizado e a população de Itajaí (incluindo Navegantes) passou por um momento de pânico e incerteza, sendo protagonista de histórias de verdadeiro desespero. Mas, tivesse o navio explodido (ou se soltado), e a história seria outra.

E o Petrobras Norte não explodiu graças à ação de muitos homens que souberam agir com coragem e rapidez, apesar de estarem diante de uma situação inusitada e de extremo perigo. Assim, enquanto Odílio Garcia tentava fechar algumas válvulas dentro do navio, Adolfo Manoel de Freitas fechava as válvulas que davam acesso aos tanques de terra e Álvaro Granati auxiliava nos procedimentos técnicos previstos para este tipo de ocorrência. Evitaram, portanto, que o navio Petrobras Norte e os terminais da Heliogás e Liquigás explodissem, trazendo mais dor à cidade.

Graças a esta ação, os terminais de terra ficaram completamente ilesos e o navio Petrobras Norte não explodiu. Melhor ainda, o navio teve vários tanques preservados e só uma parte do gás foi queimada, fato que manteve sua estrutura. O tanque central (número um), por exemplo, ficou intacto, e dois tanques à direita e dois tanques à esquerda também foram preservados ou apenas levemente danificados, perfazendo um total de cinco tanques sem avarias estruturais (não romperam ou explodiram). O fogo ficou restrito ao centro (tanques dois e três) e parte traseira do navio. Esta

situação possibilitou que já no dia seguinte (três de fevereiro), enquanto Odílio Garcia falecia no Hospital Marieta Konder Bornhausen, o comandante Walter Daltro do Amaral e o inspetor de segurança Egydio Mathias entrassem no navio para fechar as válvulas de segurança dos tanques, extinguindo por definitivo o fogo.

Ainda na quarta-feira, dia três, funcionários especializados conseguiram chegar próximo ao navio, por intermédio de um rebocador, e por volta das 17 horas conseguiram recolher a âncora e levar o Petrobras Norte para a margem oposta do rio, afastando-o por completo dos terminais da Liquegás e Heliogás. Da carga de cerca de 1056 toneladas de gás (fala-se também em 1200 toneladas), ainda restavam intactas cerca de 400 toneladas. No dia 14, um rebocador da Marinha de Guerra do Brasil, o R22, levou o navio para o Rio de Janeiro. Logo depois, a própria Marinha arquivou o processo instaurado junto ao Tribunal Marítimo com o número 5.469, dando o lamentável episódio como definitivamente encerrado.

A sorte conspirou a favor da cidade e um grande contingente de pessoas hoje é credor da admiração e do respeito do povo itajaiense. Sendo assim, o nome de Odílio Garcia, que teve seu drama pessoal acompanhado por todos, na verdade serve como um emblema, como uma referência. O povo admira e agradece a Odílio Garcia, consciente de que seu nome é a síntese dos nomes de muitos outros heróis, pessoas que não permitiram que a fatalidade cravasse suas presas mórbidas sobre a cidade de Itajaí e seu povo. É neste sentido (tendo a consciência de que muitos cumpriram com o seu dever de cidadão) que consideramos justo e legítimo homenagear Odílio Garcia com nome de rua e parque náutico. Sabemos que ele não foi o único que trabalhou para salvar a cidade da tragédia maior, mas utilizamos seu nome como uma referência.

Assim, quando agradecemos a Odílio Garcia, agradecemos também a Adolfo Manoel de Freitas, Álvaro Granati, Antonio Domingos da Silva, Edison Vieira da Rosa, Gabriel Muniz Palhano, José Alberto Borba (Seu Saul), José Amauri dos Santos, Norberto Lisenberg, bem como

aos anônimos voluntários do Corpo de Bombeiros (Itajaí, Blumenau e Florianópolis), aos tripulantes do Petrobras Norte e Petrobras Paraná, aos funcionários do Hospital Marieta Konder Bornhausen, da Celesc etc.

Para se ter uma idéia do esforço empreendido por todo esse pessoal, basta ler o texto publicado no jornal A Nação no domingo seguinte ao episódio, intitulado de:

**Bombeiros de Blumenau retornam à cidade após dois dias de trabalhos ininterruptos –
valorosa ação desenvolvida na cidade de Itajaí**

A ATUAÇÃO DO Corpo de Bombeiros de Blumenau durante o combate às chamas que devoraram um navio da FRONAPE, merece destaque especial e citação publica, porque os esforços da corporação foram além do que o trabalho exige e o esforço permite.

SOLICITADO às pressas por uma emissora da cidade de Itajaí, que o fez em termos de socorro, os comandos do Sub-tenente Cabral em poucos minutos já se deslocavam velozmente ao encontro do cumprimento do dever, embora não se soubesse se a viagem seria apenas de ida, sem volta.

POR MAIS de vinte quatro horas, sem pregar pestanas, os soldados do fogo viveram nas fronteiras d vida e nos extertores da morte. Enquanto a população da cidade praiana se afastava cada vez mais do inferno de chamas que ameaçava tomar maiores proporções, os bombeiros mais se chegavam ao anel de fogo, em uma tarefa não só árdua mas simplesmente heróica e emocionante, pelo muito que ela teve de sobrehumana.

CONCLUÍDA A MISSÃO, passado o perigo, evitado o mal maior, eis que retornam todos ao quartel, passando a desfrutar do anonimato de onde saem para dialogar com a morte.

O CORPO DE BOMBEIROS DE BLUMENAU, e também por extensão todos os demais que prestaram serviços em Itajaí no combate às chamas de um petroleiro, está cercado de carinho e admiração por parte de todo o Estado, e refaz energias na certeza do dever cumprido – e mais do que tanto – envolto em uma auréola de sentimento de gratidão por parte da cidade quase em ruínas.

ESTE GRUPO DE HOMENS doravante terá em cada blumenauense um admirador, em todas as horas o reconhecimento de seu trabalho magnífico e para sempre sua imagem no sentimento da população”.

Ao voltar nossos olhares para o que aconteceu no dia dois de fevereiro do ano de 1965 é bom lembrarmos também que a cidade de Itajaí mudou substantivamente nestes anos, em especial no setor econômico. Naquela época Itajaí era um grande depósito de madeira. Os bairros São João e Vila Operária, e até várias áreas que hoje integram o centro da cidade, como é o caso da Avenida

Marcos Konder e a tradicional Rua Uruguai, abrigavam madeireiras que mantinham pátios cobertos por longas e altas pilhas de madeira que eram exportadas para praticamente todos os continentes, em especial a Europa.

Na década de 60, a população de Itajaí estava estimada em cerca de 60 mil habitantes, sendo que dois terços vivia na zona urbana. Seu porto experimentava um período de expansão, justamente devido ao ciclo da madeira.

Então, ao analisarmos os fatos ocorridos em dois de fevereiro não podemos deixar de ter em mente a geografia econômica da cidade. Diante da possibilidade de o fogo ser trazido pela correnteza do rio até o centro da cidade, parece inevitável prever o pior, ou seja, que o fogo teria grande facilidade de tomar as áreas ribeirinhas e em seguida atingir as incontáveis pilhas de madeira, pondo em risco a vida de todos.

Temos de lembrar ainda, que em ocasiões como estas, não só o fogo oferece perigo para as pessoas, mas outros elementos também contribuem para piorar a situação, como é o caso do próprio desespero de uma grande quantidade de pessoas (que acabam tomando atitudes sem qualquer racionalidade, dominadas pelo pânico). Outro ponto a considerar seria a intoxicação de muitas pessoas pela grande quantidade de fumaça oriunda da queima da madeira.

Assim, não nos parece terem sido descabidas ou sensacionalistas as orientações prestadas à população por parte dos locutores de rádio. Agora, passados tantos anos, se torna mais complexo entender seus motivos, porque as circunstâncias felizmente conspiraram contra a ocorrência de uma grande catástrofe. Mas poderia ter sido diferente. E se assim fosse, Sílvio Kurtz, Afonso Luiz, Vieirinha, Marinho Lopes Stringari e seus companheiros de microfone, hoje seriam saudados em praça pública como os heróis que salvaram muitas vidas.

Mas o Petrobras Norte não explodiu e sequer arrebentou suas amarras indo de encontro ao Petrobras Paraná. O óleo não desceu rio abaixo, os terminais e as madeireiras tiveram suas estruturas

preservadas e populares sequer foram intoxicados pela fumaça. Assim, tudo ficou no campo da hipótese e os radialistas passaram à história como alarmistas e sensacionalistas. Contudo, sabemos que os voluntários do Corpo de Bombeiros não tinham equipamentos adequados para combater o incêndio e sequer tinham recebido treinamento para tal circunstância. Do mesmo modo, o hospital da cidade não estava preparado para atender um número expressivo de vítimas. Sendo assim, como prever que tudo ficaria sob controle?

Diante da dúvida, não foi melhor prevenir?

Claro que foi!

**ONDE VOCÊ ESTAVA
NO FINAL DA TARDE
DO DIA DOIS DE FEVEREIRO
DO ANO DE 1965?**

Esta história continua!

Envie seu depoimento, fotos, para:

magrufloriano2008@gmail.com.